PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Francisco Aranha

O DINHEIRO E AS RELAÇÕES DE PODER NA PSICOTERAPIA

São Paulo, SP

2025

FRANCISCO ARANHA

O DINHEIRO E AS RELAÇÕES DE PODER NA PSICOTERAPIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa

São Paulo, SP

2025

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa pela orientação ao longo deste trabalho, conduzida com empatia, cordialidade e uma presença segura, que contribuíram para que o processo de elaboração transcorresse de forma tranquila e produtiva.

ARANHA, F. **O dinheiro e as relações de poder na psicoterapia.** 91 fl. TCC (Graduação em Psicologia; Orientador: Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

Este trabalho é um ensaio teórico sobre as dinâmicas de poder na relação terapeuta-cliente, organizadas em torno do significante “dinheiro” entendido não apenas como objeto econômico, mas como elemento carregado de significados simbólicos e multifacetados, como ambição, autonomia, controle, dependência, inveja, liberdade, perda, prestígio, segurança, valor, entre outros. Questões econômicas, frequentemente silenciadas na prática clínica, são investigadas para se compreender de que modo a dimensão financeira afeta o vínculo terapêutico. A pesquisa baseou-se em uma revisão da literatura publicada nas últimas cinco décadas, sistematizando teorias, metodologias e evidências empíricas, e discutindo implicações práticas e formativas. O *corpus* foi definido a partir de textos seminais selecionados pela relevância temática e expandido pelo método bola-de-neve retrospectivo. Os resultados indicam que a literatura sobre o tema dá destaque às maneiras como o dinheiro exerce impacto significativo na estruturação das relações terapêuticas, influenciando a percepção de valor do tratamento, a dinâmica de poder e os dilemas éticos da prática clínica. Apesar de frequentemente tratado como tabu, o tema tem sido discutido com relativa constância ao longo do tempo, com destaque para quatro períodos, relativamente recentes, de intensa produção. Conclui-se que o dinheiro não é rigidamente excluído do discurso clínico, mas sua presença e significado dependem das configurações teóricas, institucionais e relacionais envolvidas. O estudo contribuiu para a compreensão crítica do papel do dinheiro na psicoterapia e oferece subsídios para uma prática mais consciente e ética.

Palavras-chave: honorários; poder; psicologia clínica; vínculo terapêutico; ética.

ARANHA, F. **Money and power relations in psychotherapy.** 91 f. Undergraduate thesis (Bachelor's in Psychology; Advisor: Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

This paper is a theoretical essay on power dynamics in the therapist-client relationship, organized around the signifier "money," understood not merely as an economic object but as a symbolically loaded and multifaceted element — associated with ambition, autonomy, control, dependence, envy, freedom, loss, prestige, security, value, among other meanings. Economic issues, often silenced in clinical practice, are investigated to understand how the financial dimension affects the therapeutic bond. The research is based on a literature review spanning the past five decades, systematizing theories, methodologies, and empirical evidence, and discussing practical and training implications. The *corpus* was defined from seminal texts selected for thematic relevance and expanded through a retrospective snowball method. The findings indicate that the literature highlights the ways in which money significantly impacts on the structuring of therapeutic relationships, influencing perceptions of treatment value, power dynamics, and ethical dilemmas in clinical practice. Although often treated as a taboo, the theme has been discussed with relative consistency, with four relatively recent periods of intense scholarly production standing out. It is concluded that money is not strictly absent from clinical discourse, but its presence and meaning depend on the theoretical, institutional, and relational configurations involved. The study has contributed to a critical understanding of the role of money in psychotherapy and offers subsidies for a more conscious and ethical clinical practice.

Keywords: fees; power; clinical psychology; therapeutic alliance; ethics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8
2 PSICOTERAPIA 10
3 PODER 11
3.1 Teorias do Poder 11
3.2 Inevitabilidade das Relações de Poder 12
3.3 Ocultação e a Ligação com o Saber 13
4. PODER NA PSICOTERAPIA 15
4.1 Modelo de Fors 16
4.2 Modelo de Cromwell e Olson 17
5 SIGNIFICANTE DINHEIRO 18
6 MÉTODO 21
6.1 Sementes 21
6.2 Primeira Geração 22
6.3 Segunda Geração 23
6.4 Número de Citações 23
7 DADOS 30
7.1 Distribuição Temporal 30
7.2 Relevância Relativa dos Trabalhos 32
7.3 Afiliação a uma Abordagem Psicológica 49
7.4 Estratégias Metodológicas 50
7.5 Temas Principais 53
8 DISCUSSÃO 56
8.1 “Dinheiro” É, Sim, Discutido na Psicologia 56
8.2 Periodização do Corpus 58
8.3 Poder na Psicoterapia: Dimensões, Impactos e Desafios 68
8.4 Educação e Treinamento 72

9. CONCLUSÃO.....76
9.1 Principais Contribuições.....76
9.2 Oportunidades de Pesquisa Futura 78
9.3 Limitações da Pesquisa 80
9.4 Considerações Finais.....80
REFERÊNCIAS.....81

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi realizar um exame das dinâmicas de poder organizadas em torno do "significante dinheiro", que entram em ação nos processos de psicoterapia e se articulam em um vórtice de disputas e silenciamentos. Propôs-se analisar como o dinheiro, enquanto elemento carregado de significados complexos e multifacetados, pode influenciar as relações terapêuticas, atuando não apenas como recurso econômico, mas também como símbolo de status, controle e autonomia, entre outros.

Para atingir esse objetivo, revisamos a literatura sobre as dinâmicas de poder na relação terapeuta-cliente no contexto da psicologia clínica. Circunscrevemos nosso foco a trabalhos acadêmicos publicados entre 1975 e 2024. Para seleção das publicações analisadas, utilizamos a abordagem de bola de neve aplicada a textos previamente identificados como seminais. De cada artigo do *corpus*, extraímos dados bibliográficos, objetivos, justificativas de mérito, métodos e conclusões. Por meio da sistematização dessas informações, construímos um panorama sobre como o tema tem sido abordado nas últimas décadas.

A relevância de um quadro abrangente sobre o tema resulta do fato de que relações de poder desequilibradas podem levar a resultados clínicos adversos, como sentimentos de impotência e desamparo por parte do cliente (Fors, 2018; Pope; Vasquez, 2010; Williams; Harrison, 1999; Zur, 2023). Assimetrias financeiras entre terapeuta e cliente, ou entre terapeutas, contribuem para o silenciamento sobre os honorários praticados, que raramente são discutidos abertamente, mesmo entre colegas próximos. Como observa Jacobs (2012, p. 01), “é como se houvesse algo embaraçoso no interesse por dinheiro. [...] Comparações com os demais são feitas regularmente e, em muitos casos, são uma importante fonte de ansiedade”.

As observações de Jacobs exemplificam como as questões financeiras podem gerar desconforto, evidenciando a complexidade do dinheiro como elemento simbólico e relacional. Ao longo deste trabalho, examinaremos como seus múltiplos significados influenciam a prática terapêutica, com implicações éticas e técnicas.

Este trabalho está estruturado em nove seções. A seção 2 define psicoterapia e seus elementos fundamentais. A seção 3 discute teorias do poder, com ênfase em Foucault. A

seção 4 examina o poder na psicoterapia. A seção 5 introduz o significante "dinheiro". A seção 6 apresenta o método. A seção 7 descreve os dados coletados. A seção 8 discute os achados. A seção 9 apresenta as conclusões do trabalho.

2 PSICOTERAPIA

Adota-se aqui a concepção de psicoterapia proposta por Frank e Frank (1991), que a define como uma prática voltada à restauração do bem-estar psicológico, articulada por quatro componentes comuns às diversas abordagens terapêuticas: (1) uma relação emocional de confiança, (2) um ambiente de cura, (3) um esquema explicativo (ou mito), e (4) um ritual ou procedimento compartilhado.

A relação emocional de confiança é considerada o alicerce da psicoterapia eficaz. Bordin (1979) destaca a aliança terapêutica como composta por acordos quanto a metas, tarefas e vínculos. Essa confiança permite que o paciente se engaje no processo com esperança e segurança, favorecendo a mudança. O terapeuta, ao demonstrar empatia e envolvimento autêntico, reforça essa aliança (Lin, 2016).

O ambiente de cura é o espaço protegido e simbólico no qual a intervenção ocorre. Lin (2016) observa que esse ambiente reforça o prestígio do terapeuta e demarca os limites da experiência terapêutica, tornando-a distante da vida cotidiana.

O esquema conceitual ou mito explicativo fornece uma narrativa plausível para o sofrimento, capaz de reorganizar a experiência do paciente. Ele pode ser científico ou simbólico e tem como função sustentar a esperança e o sentido do tratamento (Frank; Frank, 1991; Lin, 2016).

O ritual terapêutico é a prática específica que, para paciente e terapeuta, simboliza a mudança: pode ser uma técnica formal ou um gesto simbólico. Bordin (1979) enfatiza que a clareza das tarefas terapêuticas contribui para o engajamento do paciente.

A proposta de Frank e Frank (1991) permite compreender a psicoterapia como um fenômeno relacional atravessado por componentes simbólicos. Tal compreensão amplia o alcance das reflexões posteriores sobre poder e dinheiro no *setting* clínico.

3 PODER

As teorias sobre o poder constituem um campo vasto e diversificado, com abordagens que variam desde concepções centradas no indivíduo até perspectivas que enfatizam as dinâmicas relacionais e institucionais. Nesta seção, exploraremos quatro dessas abordagens, com ênfase na contribuição de Michel Foucault, cuja concepção relacional e produtiva de poder é central para os objetivos deste trabalho.

3.1 Teorias do Poder

A literatura sobre o poder concentra-se predominantemente em questões políticas ou sociológicas, relegando a segundo plano o poder interpessoal, inclusive aquele presente nas relações terapêuticas. Esta síntese baseia-se na revisão realizada por Fors (2021), que observa que a maior parte das discussões teóricas sobre poder se refere a contextos de governança e sociedade. Marx destacou a violência estrutural do capitalismo, enquanto Weber argumentou que a legitimidade do poder burocrático seria preferível à do carisma. Bourdieu, por sua vez, abordou o poder na forma de *habitus*, estrutura subjacente da vida social que inclui o capital cultural e o privilégio apresentado como "gosto".

Nos debates contemporâneos, o foco se ampliou para incluir sistemas de discriminação que revelam o funcionamento implícito do poder nas normas sociais. Crenshaw (1989) e Hooks (2015), entre outros, exploraram o poder nas intersecções de raça, gênero e outras categorias de identidade, evidenciando como certas normas favorecem sujeitos brancos, masculinos, heterossexuais e ocidentais. Dessa forma, o poder se expressa tanto por domínio direto quanto por discriminação estrutural e práticas de colonização (Fors, 2021).

A contribuição seminal de Foucault consiste em compreender o poder como dinâmico e relacional, e não como algo estático ou centralizado. O poder, segundo ele, só se torna visível por seus efeitos e deve ser analisado como uma força produtiva que gera comportamentos, discursos e relações. Essa abordagem permite observar o poder em suas manifestações empíricas, como propõe Guilfoyle (2006). Assim, o poder é mais do que um instrumento de repressão: trata-se também de uma potência produtiva que cria formas de

interação e identidade (Mambrol, 2016; Sørensen, 2014). Essa compreensão amplia a visão clássica do poder ao mostrar que, além de reprimir, ele também produz realidades sociais e culturais, moldando modos de vida e formas de relação. Apesar disso, o poder tende a ocultar-se, transmutando-se em saber (Guilfoyle, 2006).

Um exemplo concreto da dimensão produtiva do poder é a aliança terapêutica (Bordin, 1979; Frank; Frank, 1991; Lin, 2016). O vínculo entre terapeuta e paciente, sustentado pela crença do paciente de que a terapeuta tem o poder de contribuir para sua mudança, pode ser entendido como manifestação da função positiva do poder no contexto clínico. Essa relação permite que a terapeuta proponha intervenções e que o paciente se engaje no processo, criando um espaço propício ao crescimento e à transformação subjetiva.

A perspectiva foucaultiana é, portanto, especialmente fecunda para compreender as relações terapêuticas, nas quais o poder raramente se expressa por coerção direta. Em vez disso, ele se manifesta na organização do *setting*, na definição do que é considerado sofrimento e do que constitui mudança terapêutica legítima. A noção de poder como rede difusa e produtiva possibilita abordar os efeitos clínicos do enquadre, dos saberes psicológicos e das práticas institucionais de forma crítica e situada.

3.2 Inevitabilidade das Relações de Poder

Críticos às relações de poder na psicoterapia, como Firestone (1976) e Kitzinger e Perkins (1993), sugerem que qualquer forma de psicoterapia inevitavelmente envolve normas e agendas de poder. A prática terapêutica, mesmo quando vista como colaborativa ou democrática, opera dentro de estruturas que perpetuam certas normas sociais e culturais. Isso não depende da intenção do terapeuta, mas da realidade social em que a psicoterapia se instaura; e torna o exame das relações de poder não apenas necessário, mas essencial para a compreensão completa do que ocorre na interação terapêutica, e para promover uma prática mais ética e reflexiva (Fors, 2021).

3.3 Ocultação e a Ligação com o Saber

Uma das características centrais do poder é sua tendência à ocultação, o que dificulta sua identificação e análise. Essa invisibilidade, como aponta Guilfoyle (2006), é paradoxalmente uma das razões pelas quais o poder deve ser investigado, pois sua exposição permite compreender melhor seus efeitos nos contextos sociais e culturais. Essas operações, uma vez visíveis, possibilitam formular hipóteses sobre como o poder se articula a processos discursivos, institucionais, históricos e culturais mais amplos, revelando os modos sutis e muitas vezes despercebidos com que exerce sua influência.

Foucault (2021, p. 300) assinala que “as relações de poder estão talvez entre as coisas mais escondidas no corpo social”, enfatizando que essas dinâmicas se dissimulam em práticas, discursos e estruturas que aparentam neutralidade ou naturalidade. Guilfoyle (2006) aprofunda essa análise ao identificar quatro formas específicas de ocultação do poder. A primeira é a confusão entre o poder e seus efeitos: por exemplo, a conformidade de um paciente em psicoterapia pode ser vista como resposta espontânea, ignorando a dinâmica de poder que molda essa atitude. A segunda forma é o disfarce do poder sob a aparência de conhecimento — como nos testes psicológicos, muitas vezes tidos como instrumentos neutros, mas que veiculam valores e normas culturais e, assim, exercem controle de maneira velada. A terceira forma ocorre pela dissociação entre o poder e seu contexto original, como quando técnicas destinadas a populações clínicas específicas são aplicadas a outros públicos sem reflexão crítica, mascarando intenções de controle. A quarta forma de ocultação se dá nas reconstruções da resistência: por exemplo, quando discordâncias do paciente são enquadradas como “resistência ao tratamento”, reforçando a autoridade da terapeuta e desqualificando o questionamento. Essa multiplicidade de disfarces torna o poder difícil de identificar, mas também evidencia a importância de sua análise em contextos terapêuticos e sociais.

Uma das formas mais prevalentes de ocultamento é a sua vinculação ao saber. Para Foucault, as práticas e discursos que produzem conhecimento são, ao mesmo tempo, veículos do poder. O poder se entrelaça ao saber, moldando e normatizando práticas e identidades sociais (Mambrol, 2016). Esse vínculo permite que o poder atue de forma invisível, pois, ao instituir formas de saber, define o que é considerado verdadeiro e, com

isso, regula comportamentos e delimita o aceitável nas esferas social e cultural. Sørensen (2014) ressalta que, para Foucault, o poder não opera apenas por proibições explícitas, mas por meio de normas e práticas que integram as relações saber-poder, atuando de forma sutil nas interações cotidianas e nas estruturas institucionais. Assim, o saber assume aparência objetiva e neutra, mas funciona como força reguladora (Paulos, 2008). Essa capacidade do saber de ocultar o poder exige vigilância constante sobre as relações entre conhecimento e controle, especialmente em domínios como a psicoterapia e a educação, nos quais essas dinâmicas são amplamente institucionalizadas e naturalizadas.

Guilfoyle (2006) reforça essa compreensão ao sugerir que o poder se torna discernível na forma como o conhecimento é invocado e aplicado. Seus efeitos emergem quando se analisam os processos de construção, legitimação e uso dos saberes que moldam comportamentos e práticas. O conhecimento, assim, não é apenas um instrumento de compreensão do mundo, mas também um meio pelo qual o poder se manifesta, perpetua-se e define normas que influenciam a percepção e a ação nas diversas esferas sociais.

4 PODER NA PSICOTERAPIA

Apesar da relevância do tema, a literatura enfatiza que o poder ainda não recebeu a devida atenção. Segundo Goldberg (2001, p. 110), o poder é "a questão mais negligenciada no treinamento de terapeutas", levantando preocupações éticas e metodológicas muito graves.

> A psicoterapia intensiva atravessa uma crise séria. [...] Hoje, ela ocupa posição bem inferior à do aconselhamento de curto prazo e à psicofarmacologia como tratamento preferencial para problemas psicológicos (Goldberg, 2000). Embora haja diversas razões relevantes para que a psicoterapia intensiva não tenha cumprido sua promessa, a mais importante delas ainda não foi exposta publicamente. Um psicoterapeuta precisa ter integridade moral e pelo menos um mínimo de saúde mental para exercer a prática com competência. [...] Acredito que a crise da psicoterapia hoje se deve, principalmente, à alta incidência de profissionais que causam danos a seus clientes por serem ainda mais emocionalmente instáveis do que eles. Muitos tentam ajudar seus clientes, mas não conseguem; outros causam danos deliberadamente, explorando com desprezo as vulnerabilidades dos pacientes em benefício próprio. (Goldberg, 2021, p. 107).

Autores como Proctor (2017) e White e Epston (1990) também apontaram para uma "imobilidade inercial" no estudo do poder no campo terapêutico, resultado de uma abordagem que tende a simplificar a questão, tratando o poder apenas como uma forma de opressão ou negando sua existência nas interações de tratamento.

De acordo com Guilfoyle (2006), muitas figuras influentes na teorização da psicoterapia, como Bateson (1979) e Hoffman (1992), sugerem que o foco no poder pode ser improdutivo, argumentando que enfatizar esse tema obscurece a natureza recursiva da influência mútua entre terapeuta e cliente. Bateson, por exemplo, discute a limitação do conceito de poder como algo unidirecional e rígido. Ele considera a noção de poder como um *mito* que simplifica e até distorce a realidade dos relacionamentos, sugerindo que interpretações focadas em poder podem ocultar a natureza bidirecional e colaborativa das relações. O cliente necessita da expertise e da ajuda do terapeuta, mas o terapeuta precisa de seus honorários; hierarquias se estabelecem nas duas direções. Essa visão, no entanto, é criticada por minimizar a importância de reconhecer as forças estruturais que moldam o processo terapêutico.

Assim, ignorar as dinâmicas de poder na prática clínica pode levar a uma compreensão superficial das interações terapêuticas e dos fatores que as influenciam,

reforçando a necessidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre o papel do poder no contexto da psicoterapia.

Nos últimos anos, a questão do poder na psicoterapia tem sido abordada de forma mais sistemática por autores como Fors (2018, 2021), Proctor (2017) e Guilfoyle (2006). Cada um desses estudiosos contribuiu para o desenvolvimento de modelos conceituais que buscam compreender as diversas dinâmicas de poder que permeiam o ambiente terapêutico, oferecendo novas perspectivas sobre como essas forças se manifestam e influenciam o processo clínico.

4.1 Modelo de Fors

Malin Fors (2018) apresenta uma taxonomia que identifica quatro dimensões centrais do poder na psicoterapia: poder profissional, poder transferencial, poder sociopolítico e poder burocrático. Essas categorias servem para mapear as formas pelas quais o poder pode se expressar no contexto terapêutico, indo além da simples interação entre terapeuta e cliente. Cada uma dessas dimensões destaca um aspecto distinto das relações de poder.

1. *Poder Profissional:* Relaciona-se à autoridade e ao conhecimento especializado que o terapeuta detém, o que lhe confere uma posição de controle e influência sobre o processo terapêutico.
2. *Poder Transferencial:* Diz respeito às dinâmicas emocionais e inconscientes que emergem na relação terapeuta-cliente, geralmente teorizadas como derivadas de experiências anteriores do cliente que são projetadas no terapeuta.
3. *Poder Sociopolítico:* Envolve as influências econômicas, culturais e sociais que moldam as interações terapêuticas. É nesta dimensão que se situam questões como o valor monetário das sessões, as assimetrias financeiras e as barreiras econômicas para o acesso ao tratamento, frequentemente negligenciadas em discussões clínicas.
4. *Poder Burocrático:* Refere-se às regras, políticas e práticas institucionais que regulam a psicoterapia, incluindo regulamentações éticas, normativas, de supervisão, acesso e outros aspectos estruturais que podem afetar a autonomia do terapeuta e do cliente.

Fors (2018) destaca a importância de considerar o poder sociopolítico, especialmente porque ele traz à tona questões econômicas que influenciam o *setting* terapêutico, como os custos da terapia e da supervisão. Esses aspectos econômicos não apenas refletem transações financeiras, mas também são impregnados de significados simbólicos que podem afetar a percepção de valor e competência tanto do terapeuta quanto do cliente.

4.2 Modelo de Cromwell e Olson

Uma abordagem que examina a questão a partir de outro ângulo é o modelo de Cromwell e Olson (Proctor, 2017). Estes autores propõe uma estrutura de análise de poder baseada em três domínios inter-relacionados: bases de poder, processos de poder e resultados de poder.

1. *Bases de Poder:* Envolvem os recursos e posições que conferem poder a um indivíduo ou grupo. Isso inclui aspectos como conhecimento, posses materiais, status e autoridade profissional.
2. *Processos de Poder:* Referem-se às maneiras pelas quais o poder é exercido e negociado, incluindo interações e dinâmicas relacionais.
3. *Resultados de Poder:* Diz respeito aos efeitos concretos e simbólicos das dinâmicas de poder, que podem incluir resultados positivos, como o fortalecimento da autonomia do cliente, ou negativos, como dependência prolongada ou perpetuação de desigualdades.

A contribuição desses modelos demonstra que o poder, longe de ser um elemento periférico ou meramente opressor, constitui uma dimensão estruturante da prática clínica. Ao reconhecer sua presença nas múltiplas camadas que atravessam a psicoterapia — do enquadre técnico às estruturas institucionais e simbólicas — torna-se possível deslocar o foco de uma visão dicotômica (autoridade versus submissão) para uma abordagem mais relacional, crítica e situada. Essa compreensão não apenas enriquece a escuta clínica, mas também amplia a responsabilidade ética da terapeuta diante dos efeitos que sua posição e seus saberes podem produzir. A partir dessa perspectiva, o estudo do poder deixa de ser um exercício teórico abstrato e se torna uma ferramenta indispensável para a reflexão sobre os sentidos, limites e possibilidades do cuidado terapêutico.

5 SIGNIFICANTE DINHEIRO

Na cultura ocidental, o dinheiro está tão profundamente integrado às práticas coletivas e à vida cotidiana que parece uma obviedade que prescinde de definições. Contudo, ele não é autoevidente, nem universal, inexistindo em algumas culturas. Estudos antropológicos comparativos permitem uma definição ampla:

> Dinheiro é qualquer *objeto material* que desempenha uma ou mais das seguintes cinco funções: um meio de troca, um padrão de valor, uma unidade de conta, uma reserva de valor e um padrão de pagamentos diferidos. [...] O dinheiro pode ser, ele mesmo, considerado uma commodity, que no capitalismo se compra com juros, isto é, com mais do mesmo (Dimen, 1994, p. 83, grifo nosso).

No mundo contemporâneo, este “objeto” desmaterializou-se, por assim dizer, sendo praticamente substituído pelo sistema escritural digital – a maioria das transações são hoje realizadas por meio de registros digitais bancários. Mas, em princípio, podemos tirar do banco o dinheiro, na acepção escritural, e transformá-lo “de volta” em notas e moedas, a mercadoria concreta que faz circular outras mercadorias. Ao menos por enquanto.

Quando falamos do *significante* "dinheiro" no contexto da psicoterapia, não nos referimos ao aspecto concreto e funcional descrito acima, mas ao seu papel como uma *forma vazia e abstrata* que, justamente por sua indefinição, torna-se um receptáculo para projeções de crenças, valores e fantasias dos indivíduos:

> O dinheiro é muito poderoso em nossa cultura, e, no entanto, ele não significa absolutamente nada. O que quero dizer com isso é que ele é uma abstração. Dinheiro é algo ao qual atribuímos significado. Pegue um pedaço de metal, inscreva o rosto do rei nele e diga que vale tanto. Embora concordemos mutuamente sobre seu valor real, ele é como uma tela em branco na qual projetamos todo tipo de significado pessoal. Mas, ainda assim, é apenas um pedaço de metal. Isso leva a todos os tipos de problemas. Nossas projeções de significado sobre o dinheiro podem resultar em inveja, insegurança, ganância, desprezo, hostilidade, medo, admiração, repulsa, atração sexual, competitividade, etc., o que, por sua vez, pode afetar negativamente os relacionamentos interpessoais e as dinâmicas inerentes a outras áreas da vida (Trachtman, 2008, p. 17).

No contexto da linguística estrutural (Chandler, 2022), o significante é o som ou a imagem de uma palavra, enquanto o significado é a ideia ou conceito que ela representa. Significado e significante não correspondem necessária ou biunivocamente a um “objeto real”, mas se articulam entre si em rede, formando um sistema. Como observa Trachtman (2008), o significante dinheiro conecta-se a significados profundamente pessoais, que vão

além de sua função material, atuando como uma tela para, por exemplo, inseguranças, ambições e valores internos. Assim, o dinheiro, como significante, assume múltiplos significados na prática clínica, influenciando a dinâmica entre terapeuta e paciente de maneiras que transcendem sua mera função econômica.

A literatura sobre o tema ressalta que o dinheiro pode simbolizar poder, autoridade e controle, criando assimetrias na relação terapêutica e gerando questões de dependência e independência, conexão e conflito (Dimen, 1994); pode também ser associado a valor e autoestima (Fenichel, 1938), e servir como um meio de transação emocional, simbolizando cuidado, reconhecimento e reciprocidade (Hoag, 1992). Assim, ele não reflete apenas questões práticas, como o valor monetário dos honorários, mas também estrutura relações, influências e percepções dentro do *setting* clínico (Trachtman, 2008). A forma como os honorários são negociados, por exemplo, pode revelar muito sobre as expectativas e experiências emocionais tanto do terapeuta quanto do paciente, expondo questões de poder e vulnerabilidade que, de outra forma, poderiam permanecer implícitas (Allen, 1971). "Para praticamente todos os pacientes, o dinheiro influencia a busca, o recebimento e a manutenção da psicoterapia. O dinheiro importa" (Yager; Kay, 2022, p. 01).

Fora do contexto clínico, o uso do dinheiro também é revelador de significados psicológicos, por exemplo, na ocasião de uma doação expressiva ou de uma troca de um emprego por outro mais estressante, porém melhor remunerado. Estas situações podem trazer à tona valores pessoais e dilemas éticos, oferecendo novas perspectivas sobre a influência simbólica do dinheiro na formação de identidade e nas relações interpessoais:

> independentemente da riqueza ou pobreza, pensamentos e comportamentos ligados à aquisição, posse e disposição do dinheiro, e sentimentos que acompanham esses processos, como ganância, necessidade, inveja, orgulho, vergonha, culpa, obsessões, autossatisfação e amor, constituem temas chave subjacentes a conflitos intrapsíquicos e interpessoais (Yager; Kay, 2022, p. 01).

Em síntese, na psicoterapia o dinheiro funciona como um mediador que alcança as camadas mais profundas das trocas emocionais, incluindo questões como o desejo de acumulação, as relações familiares, as ansiedades em torno da perda e outros aspectos que revelam as interações de poder e a construção de identidades dentro e fora do contexto terapêutico. Isso é consistente entre culturas, e talvez mais evidente em sociedades consumistas, em que a acumulação de dívidas e a busca por status econômico moldam de forma pervasiva a consciência e o comportamento.

Apesar de sua importância evidente, a literatura sobre o tema do dinheiro na psicoterapia afirma que essa questão é evitada entre terapeutas e entre eles e seus clientes. Como observa (Dimen, 1994), a simples menção do tema pode provocar desconforto na comunidade terapêutica, sendo frequentemente considerado um assunto inapropriado ou vulgar para discussão aberta. Ao relatar suas próprias experiências, Dimen (1994, p. 69) descreve como, ao mencionar a intenção de escrever sobre o tema, recebeu reações de surpresa e desaprovação de seus colegas. “Um deles perguntou, perplexo, ‘Por que você está falando sobre dinheiro?’, enquanto outro sugeriu que o título proposto, envolvendo a palavra ‘dinheiro’, poderia ser substituído por algo mais suave, como ‘Entre Comércio e Confiança’”.

Essa reação refletiria um mal-estar generalizado, como se o dinheiro fosse um tema indesejável, que não deveria ser discutido publicamente, pelo menos dentro do ‘contexto respeitável’ da prática terapêutica. Essa resistência, segundo Dimen, remete à conhecida observação de Freud (2010, p. 175), que afirmou: "Questões de dinheiro são tratadas pelos homens civilizados de modo semelhante ao das coisas sexuais, com a mesma duplicidade, falso pudor e hipocrisia".

A afirmação de Freud é reveladora, pois sugere que tanto o dinheiro quanto a sexualidade tocam em aspectos íntimos e profundamente estruturantes da experiência humana, carregados de significados que podem provocar vergonha, orgulho, inveja ou culpa. A tendência a evitar discussões diretas sobre o dinheiro na psicoterapia não elimina a presença do dinheiro; pelo contrário, reforça seu papel como um significante poderoso, capaz de influenciar a dinâmica terapêutica de maneiras sutis e, por vezes, inconscientes.

Portanto, ao abordar o dinheiro como um significante, abre-se espaço para uma compreensão matizada das interações de poder, das negociações simbólicas e das trocas emocionais que ocorrem ao longo do processo terapêutico. Essa perspectiva permite que se discuta o papel do dinheiro não apenas como um recurso prático, mas como uma dimensão fundamental que estrutura relações e desafia as normas tradicionais de comunicação dentro da prática clínica.

6 MÉTODO

Tendo posicionado o tema, nos itens anteriores, neste item discutimos o método utilizado para a coleta e análise do material relevante ao estudo das dinâmicas de poder em torno do significante "dinheiro" na psicoterapia.

Badampudi; Wohlin; Petersen (2015a); Felizardo et al. (2016a); Lecy; Beatty (2012); Naderifar; Goli; Ghaljaie (2017a); Wohlin (2014a) e Wohlin et al. (2022b) atestam que a técnica de bola de neve (*snowballing*) constitui um recurso valioso para revisões de literatura. Esse método envolve iniciar a pesquisa por um ou mais artigos cruciais para a temática de interesse e, posteriormente, expandir o conjunto de trabalhos analisados por meio da inclusão dos estudos referenciados nos textos inicialmente selecionados. Na etapa subsequente, as referências utilizadas nos artigos incorporados na rodada anterior servem como base para a seleção de novas publicações a serem lidas na rodada seguinte. Este processo iterativo continua até que os acréscimos deixem de oferecer contribuições significativas ou até que os recursos disponíveis para o projeto se esgotem. Geralmente, o recurso mais escasso é o tempo dos pesquisadores, que devem respeitar uma data limite para apresentação dos resultados do projeto.

Quando empregado em revisões sistemáticas da literatura, o *snowballing* pode enriquecer o processo de pesquisa, possibilitando descobrir fontes que não seriam identificadas por meio das buscas convencionais em bases de dados utilizando parâmetros usuais como autor, assunto ou palavras-chave (Wohlin, 2014).

6.1 Sementes

Nesta pesquisa, iniciamos o procedimento de bola de neve a partir do artigo de Fors (2021), e mais oito referências resultantes de buscas nas plataformas scispace.com e elecit.org, com base na pergunta *“What power dynamics are present in psychotherapy?”* (“Que relações de poder estão presentes na psicoterapia?”). Entre as referências sugeridas pareceram-nos mais relevantes os trabalhos de Zur (2023), Yager e Kay (2022), Proctor (2017), Berger e Newman (2012a), Hokemeyer (2012), Guilfoyle (2006), Williams e Harrison (1999) e Warner (1991a). O livro organizado por Berger e Newman (2012) é uma coletânea;

optamos por considerar como uma referência autônoma cada capítulo incluído pelas editoras, o que levou à inclusão de mais 14 referências, como se pode observar no Quadro 1, à página 21. No conjunto, os textos tomados como sementes foram selecionadas com base em sua relevância para o tema, impacto na área e acessibilidade. Eles totalizaram 23 referências.

Scispace.com e elicit.org, mencionadas acima, são plataformas que aceleram o trabalho de pesquisa com o uso de inteligência artificial aplicada a bases contendo metadados de mais de 200 milhões de artigos científicos e mais de 50 milhões de textos integrais de artigos Open Access.

6.2 Primeira Geração

Foram incluídas no *corpus* como referências de Primeira Geração aquelas referências citadas nos Referências Sementes, consideradas pertinentes para este trabalho. Para a avaliação deste atributo, adotamos os seguintes critérios: relevância ao tema da pesquisa (inicialmente com base em leitura do título, resumo e palavras-chave); acessibilidade (texto integral disponível gratuitamente na Internet em geral, nas plataformas scispace.com e elicit.org, ou nas bases de artigos disponíveis na biblioteca da PUC-SP, como PubMed e Portal CAPES); impacto acadêmico (aferido pelo número de citações no Google Scholar); e qualidade acadêmica (avaliada informalmente por uma análise do método, técnica de suporte a afirmações, e referências utilizadas).

Os textos selecionados abordam a incidência do significante "dinheiro" nas dinâmicas de poder presentes na psicoterapia. Trabalhos que discutem diretamente teorias e modelos de poder na relação terapeuta-cliente foram priorizados. Textos clássicos de psicanálise não foram incluídos no *corpus*, embora alguns tenham sido citados na revisão teórica. Também não incluímos artigos mais antigos cuja temática foi retomada em artigo mais recente do mesmo autor e que já estava incluído no *corpus*. Referências identificadas no conjunto de Primeira Geração, mas que já constavam do *corpus* como Referências Sementes, foram consideradas apenas como referências sementes. A cada nova leitura de um artigo semente, somente as suas referências de interesse *que ainda não tinham sido incluídas no corpus* foram registradas no Quadro 2.

Como somente cerca de um quarto das referências disponíveis nas plataformas scispace.com e elecit.org têm o texto integral acessível pelas próprias plataformas, uma vez identificados pelo título e *abstract*, um em quatro artigos incorporados no *corpus* foi coletado nas próprias plataformas; e três em quatro artigos de interesse foram recuperados através das bases mais tradicionais, como a PubMed ou o Portal CAPES. Por questões de reprodutibilidade, é importante registrar que as plataformas scispace.com e elicit.org utilizadas, como todas as ferramentas baseadas em inteligência artificial, sofreram transformações no decorrer desta pesquisa, realizada entre agosto de 2024 e maio de 2025, tanto em termos de funcionalidades, como de cobertura de base e modelo de negócio, o que modificou e continua modificando suas condições de uso.

6.3 Segunda Geração

Uma investigação preliminar e parcial da Segunda Geração, isto é, da expansão da bola de neve em mais um passo, indicou que a grande maioria dos artigos referidos nesta nova etapa já havia sido incluída no *corpus* no passo anterior. Dada a limitação de tempo para a realização deste trabalho e considerando-se o grande número de artigos identificados na Primeira Geração, pareceu-nos que o *corpus* resultante da união das Referências Sementes e de Primeira Geração seria adequado aos propósitos deste trabalho e aos recursos disponíveis para sua execução. Portanto, um trabalho mais detalhado sobre possíveis acréscimos ao *corpus* por meio da inclusão de mais gerações de busca, para além da primeira, ficaram como uma possibilidade para estudos futuros.

O conjunto final das referências incluídas no *corpus* estudado neste artigo estão relacionadas nos Quadros 1, 2 e 3, respectivamente às páginas 21, 22 e 23; e estão representadas nos Gráficos 1 e 2, respectivamente às páginas 27 e 30 dessa monografia.

6.4 Número de Citações

Para caracterizar a relevância das referências incluídas no *corpus* deste trabalho, realizamos um levantamento do seu número de citações no Google Scholar. Este indicador foi escolhido entre outras possibilidades devido à sua facilidade de acesso e à ampla

cobertura de publicações acadêmicas em diversas áreas oferecida pelo Google Scholar. Quando identificadas múltiplas variantes de uma mesma referência, como versões ou edições diferentes, o número de citações de cada variante foi somado, de modo a representar a relevância total atribuída à obra.

O número de citações de cada referência orientou a ordem em que lemos os textos. Começamos a leitura pelas referências mais citadas.

No Gráfico 1, optamos por utilizar uma transformação monotônica do número de citações – a raiz quarta deste número – como indicador de relevância. Essa transformação produz uma escala mais adequada para a representação gráfica, preservando a ordem de classificação por número de citações e mantendo a comparabilidade entre as referências. Ademais, o número de citações levantado foi incorporado aos quadros 3 e 4, com o objetivo de informar de forma clara e transparente a base quantitativa da análise de relevância das referências.

Quadro 1 – Referências Sementes da Bola de Neve deste Estudo.

Identificação	Artigo ou pergunta	Referências Sementes
Pergunta inicial	"Quais são as dinâmicas de poder presentes na psicoterapia?"	(Zur, 2023), (Yager; Kay, 2022), (Fors, 2021), (Proctor, 2017), (Berger; Newman, 2012a), (Berger; Newman, 2012b), (Berger, 2012), (Blum, 2012), (DIMEN, 1994/2012), (Glick, 2012), (Grech, 2012), (Hirsch, 2012), (Jacobs, 2012), (Lieberman, 2012), (Meersand, 2012), (Myers, 2012), (Newman, 2012), (Orgel, 2012), (Shanok, 2012), (Hokemeyer, 2012), (Guilfoyle, 2006), (Williams; Harrison, 1999), (Warner, 1991a)

Fonte: Quadro elaborado pelo autor. As referências sementes estão ordenadas por recência. O artigo de Dimen (2012) é uma reprodução do artigo de 1994. Consultas às plataformas scispace.com e elecit.org em agosto de 2024.

Quadro 2 – Referências Sementes e de Primeira Geração Correspondentes.

Identificação	Citações	Referências Sementes	Referências de Primeira Geração
1	2	(Zur, 2023)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
2	5	(Yager; Kay, 2022)	(Brenner, 2021), (Hersh, 2020), (Furnham; Von Stumm; Fenton-O'Creevy, 2015), (Jellinek; Beresin, 2008), (Altman, 2008), (Baron, 2008), (Beth; Cresci, 2008), (Cantor, 2008), (Dyller, 2008), (Ellman, 2008), (Ferrari, 2008), (Frank, 2008), (Frosch, 2008), (Giannoulaki, 2008), (Greenberg, 2008), (Hall, 2008), (Herschenfeld, 2008), (Herzig; Lavon, 2008a), (Herzig; Lavon, 2008b), (Herzig; Lavon, 2008c), (Kalb, 2008), (Katz, 2008), (Langan, 2008), (Muller, 2008), (Trachtman, 2008), (Shapiro, 2007), (NEWMAN, 2005), (Mumford; Weeks, 2003), (Motherwell, 2002), (Geistwhite, 2000)
3	14	(Fors, 2021)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
4	352	(Proctor, 2017)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
5	1	(Berger, 2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
6	29	(Berger; Newman, 2012a)	(D'Agostino, 2019), (Apostolopoulou, 2013), (Tonks, 2013), (Winarick, 2010), (Konigsberg, 2008), (Kirsner, 2007), (Josephs, 2004), (Cairo-Chiarandini, 2001), (Lasky, 2000), (Shields, 1996), (Hoag, 1992), (Herron; Welt, 1992), (Chodoff, 1991), (Cuzzi, 1991), (Drellich, 1991), (Friedman, 1991), (Gould, 1991), (Hallowell; Grace, 1991), (Horner, 1991), (Jacobson, 1991), (Klebanow, 1991a), (Klebanow, 1991b), (Klebanow; Lowenkopf, 1991), (Leiter, 1991), (Lerner, 1991), (Lowenkopf, 1991a), (Lowenkopf, 1991b), (Lowenkopf, 1991c), (Rendon, 1991), (Rothstein, 1991), (Shainess, 1991), (Sussman, 1991), (Turkel, 1991), (Warner, 1991b), (Warner, 1991a), (Weissberg, 1991), (Zaphiropoulos, 1991), (Schneider; Edward, 1990), (Lasky, 1984), (McRae, 1980), (DiBella, 1980), (Balch; Ireland; Lewis, 1977)
7	0	(Berger; Newman, 2012b)	(Krueger, 1986a), (Burnside, 1986), (Carlisle, 1986), (Chodoff, 1986), (DiBella, 1986), (Fuqua, 1986), (Ginsburg; Ginsburg, 1986), (Goldensohn, 1986), (Gurevitz, 1986), (Gutheil, 1986), (Halpert, 1986), (Hofling; Rosenbaum, 1986), (Jacobs, 1986), (Krueger, 1986b), (Krueger, 1986c), (McGrath, 1986), (McRae, 1986), (Olsson, 1986), (Pasternack, 1986), (Raney, 1986), (Reider, 1986), (Schonbar, 1986), (Silverman, 1986), (Tulipan, 1986), (Voiss, 1986)
8	4	(Blum, 2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
9	7	(Glick, 2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
10	0	(Grech, 2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
11	10	(Hirsch, 2012)	(Hirsch, 2008), (Aron; Hirsch, 1992)
12	2	(Hokemeyer, 2012)	(Kleefeld, 2000), (Bronfman, 1987),
13	19	(Jacobs, 2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
14	10	(Lieberman, 2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
15	1	(Meersand, 2012)	(Lim; Sng, 2006),
16	27	(Myers, 2012)	(Liss-Levinson, 1990), (Meyers, 1976), (Nash; Cavenar, 1976),
17	2	(Newman, 2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
18	1	(Orgel, 2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
19	5	(Shanok, 2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
20	15	(Guilfoyle, 2006)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
21	36	(Williams; Harrison, 1999)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
22	142	(DIMEN, 1994/2012)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.
23	31	(Warner, 1991a)	Não há novas referências relacionadas a dinheiro.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor. Número de citações no Google Scholar em 03/12/2024; citações de diferentes versões/edições da mesma obra foram somadas. As referências estão ordenadas por recência. As referências em negrito são coletâneas sobre o tema do dinheiro na terapia.

Quadro 3 – Número de Citações das Referências Incluídas no *Corpus*.

	Referências (Por Recência)	Citações
1	(Zur, 2023)	2
2	(Yager; Kay, 2022)	5
3	(Brenner, 2021)	0
4	(Fors, 2021)	14
5	(Hersh, 2020)	3
6	(D'Agostino, 2019)	1
7	(Proctor, 2017)	352
8	(Furnham; Von Stumm; Fenton-O'Creevy, 2015)	65
9	(Apostolopoulou, 2013)	12
10	(Tonks, 2013)	0
11	(Berger, 2012)	1
12	(Berger; Newman, 2012a)	29
13	(Berger; Newman, 2012b)	0
14	(Blum, 2012)	4
15	(Glick, 2012)	7
16	(Grech, 2012)	0
17	(Hirsch, 2012)	10
18	(Hokemeyer, 2012)	2
19	(Jacobs, 2012)	19
20	(Lieberman, 2012)	10
21	(Meersand, 2012)	1
22	(Myers, 2012)	27
23	(Newman, 2012)	2
24	(Orgel, 2012)	1
25	(Shanok, 2012)	5
26	(Winarick, 2010)	35
27	(Altman, 2008)	0
28	(Baron, 2008)	4
29	(Beth; Cresci, 2008)	0
30	(Cantor, 2008)	0
31	(Dyller, 2008)	3
32	(Ellman, 2008)	0
33	(Ferrari, 2008)	0
34	(Frank, 2008)	1
35	(Frosch, 2008)	0
36	(Giannoulaki, 2008)	3
37	(Greenberg, 2008)	0
38	(Hall, 2008)	0
39	(Herschenfeld, 2008)	3
40	(Herzig; Lavon, 2008a)	0

Referências (Por No. De Citações)	Citações
(Proctor, 2017)	352
(Hirsch, 2008)	210
(Krueger, 1986a)	156
(Dimen, 1994)	142
(Lim; Sng, 2006)	141
(Krueger, 1986b)	108
(Herron; Welt, 1992)	91
(Chodoff, 1986)	78
(Furnham; Von Stumm; Fenton-O'Creevy, 2015)	65
(Mumford; Weeks, 2003)	56
(DiBella, 1986)	51
(Kaplan, 1991)	46
(Hoag, 1992)	45
(Schonbar, 1986)	42
(Liss-Levinson, 1990)	41
(Chodoff, 1991)	39
(Fuqua, 1986)	38
(Turkel, 1991)	38
(Lasky, 1984)	37
(Williams; Harrison, 1999)	36
(Bronfman, 1987)	35
(Nash; Cavenar, 1976)	35
(Winarick, 2010)	35
(Balch; Ireland; Lewis, 1977)	34
(Klebanow; Lowenkopf, 1991)	34
(Burnside, 1986)	32
(Warner, 1991b)	32
(DiBella, 1980)	31
(Shapiro, 2007)	31
(Tulipan, 1986)	31
(Warner, 1991)	31
(Berger; Newman, 2012a)	29
(Jacobs, 1986)	29
(Krueger, 1986c)	28
(Myers, 2012)	27
(Warner, 1991a)	27
(Klebanow, 1991b)	26
(Rothstein, 1991)	26
(Meyers, 1976)	25
(Aron; Hirsch, 1992)	24

Quadro 3 (Cont.) – Número de Citações das Referências Incluídas no *Corpus*.

	Referências (Por Recência)	Citações
41	(Herzig; Lavon, 2008b)	0
42	(Herzig; Lavon, 2008c)	0
43	(Hirsch, 2008)	210
44	(Jellinek; Beresin, 2008)	6
45	(Kalb, 2008)	0
46	(Katz, 2008)	3
47	(Konigsberg, 2008)	2
48	(Langan, 2008)	0
49	(Muller, 2008)	0
50	(Trachtman, 2008a)	7
51	(Kirsner, 2007)	11
52	(Shapiro, 2007)	31
53	(Guilfoyle, 2006)	15
54	(Lim; Sng, 2006)	141
55	(Newman, 2005)	20
56	(Josephs, 2004)	23
57	(Mumford; Weeks, 2003)	56
58	(Motherwell, 2002)	12
59	(Cairo-Chiarandini, 2001)	13
60	(Geistwhite, 2000)	17
61	(Kleefeld, 2000)	2
62	(Lasky, 2000)	19
63	(Williams; Harrison, 1999)	36
64	(Shields, 1996)	22
65	(Dimen, 1994)	142
66	(Aron; Hirsch, 1992)	24
67	(Herron; Welt, 1992)	91
68	(Hoag, 1992)	45
69	(Chodoff, 1991)	39
70	(Cuzzi, 1991)	0
71	(Drellich, 1991)	17
72	(Friedman, 1991)	7
73	(Gould, 1991)	9
74	(Hallowell, 1991)	21
75	(Horner, 1991)	12
76	(Jacobson, 1991)	3
77	(Kaplan, 1991)	46
78	(Klebanow, 1991a)	4
79	(Klebanow, 1991b)	26
80	(Klebanow; Lowenkopf, 1991)	34

Referências (Por No. De Citações)	Citações
(Gurevitz, 1986)	24
(Josephs, 2004)	23
(Shields, 1996)	22
(Hallowell, 1991)	21
(Newman, 2005)	20
(Jacobs, 2012)	19
(Lasky, 2000)	19
(Olsson, 1986)	19
(Raney, 1986)	18
(Drellich, 1991)	17
(Geistwhite, 2000)	17
(Gutheil, 1986)	17
(Weissberg, 1991)	16
(Guilfoyle, 2006)	15
(Shainess, 1991)	15
(Fors, 2021)	14
(Reider, 1986)	14
(Cairo-Chiarandini, 2001)	13
(Apostolopoulou, 2013)	12
(Horner, 1991)	12
(Motherwell, 2002)	12
(Pasternack, 1986)	12
(Kirsner, 2007)	11
(Hirsch, 2012)	10
(Lieberman, 2012)	10
(Gould, 1991)	9
(Rendon, 1991)	9
(Schneider; Edward, 1990)	9
(Friedman, 1991)	7
(Glick, 2012)	7
(Trachtman, 2008a)	7
(Jellinek; Beresin, 2008)	6
(McRae, 1980)	6
(Hofling; Rosenbaum, 1986)	5
(Shanok, 2012)	5
(Yager; Kay, 2022)	5
(Zaphiropoulos, 1991)	5
(Baron, 2008)	4
(Blum, 2012)	4
(Halpert, 1986)	4

Quadro 3 (Cont.) – Número de Citações das Referências Incluídas no *Corpus*.

	Referências (Por Recência)	Citações
81	(Leiter, 1991)	1
82	(Lerner, 1991)	2
83	(Lowenkopf, 1991a)	2
84	(Lowenkopf, 1991b)	3
85	(Lowenkopf, 1991c)	3
86	(Rendon, 1991)	9
87	(Rothstein, 1991)	26
88	(Shainess, 1991)	15
89	(Sussman, 1991)	1
90	(Turkel, 1991)	38
91	(Warner, 1991)	31
92	(Warner, 1991a)	27
93	(Warner, 1991b)	32
94	(Weissberg, 1991)	16
95	(Zaphiropoulos, 1991)	5
96	(Liss-Levinson, 1990)	41
97	(Schneider; Edward, 1990)	9
98	(Bronfman, 1987)	35
99	(Burnside, 1986)	32
100	(Carlisle, 1986)	1
101	(Chodoff, 1986)	78
102	(DiBella, 1986)	51
103	(Fuqua, 1986)	38
104	(Ginsburg; Ginsburg, 1986)	3
105	(Goldensohn, 1986)	3
106	(Gurevitz, 1986)	24
107	(Gutheil, 1986)	17
108	(Halpert, 1986)	4
109	(Hofling; Rosenbaum, 1986)	5
110	(Jacobs, 1986)	29
111	(Krueger, 1986a)	156
112	(Krueger, 1986b)	108
113	(Krueger, 1986c)	28
114	(Mcgrath, 1986)	2
115	(McRae, 1986)	4
116	(Olsson, 1986)	19
117	(Pasternack, 1986)	12
118	(Raney, 1986)	18
119	(Reider, 1986)	14
120	(Schonbar, 1986)	42

Referências (Por No. De Citações)	Citações
(Klebanow, 1991a)	4
(McRae, 1986)	4
(Dyller, 2008)	3
(Giannoulaki, 2008)	3
(Ginsburg; Ginsburg, 1986)	3
(Goldensohn, 1986)	3
(Herschenfeld, 2008)	3
(Hersh, 2020)	3
(Jacobson, 1991)	3
(Katz, 2008)	3
(Lowenkopf, 1991b)	3
(Lowenkopf, 1991c)	3
(Hokemeyer, 2012)	2
(Kleefeld, 2000)	2
(Konigsberg, 2008)	2
(Lerner, 1991)	2
(Lowenkopf, 1991a)	2
(Mcgrath, 1986)	2
(Newman, 2012)	2
(Voiss, 1986)	2
(Zur, 2023)	2
(Berger, 2012)	1
(Carlisle, 1986)	1
(D'Agostino, 2019)	1
(Frank, 2008)	1
(Leiter, 1991)	1
(Meersand, 2012)	1
(Orgel, 2012)	1
(Sussman, 1991)	1
(Altman, 2008)	0
(Berger; Newman, 2012b)	0
(Beth; Cresci, 2008)	0
(Brenner, 2021)	0
(Cantor, 2008)	0
(Cuzzi, 1991)	0
(Ellman, 2008)	0
(Ferrari, 2008)	0
(Frosch, 2008)	0
(Grech, 2012)	0
(Greenberg, 2008)	0

Quadro 3 (Cont.) – Número de Citações das Referências Incluídas no *Corpus*.

	Referências (Por Recência)	Citações
121	(Silverman, 1986)	0
122	(Tulipan, 1986)	31
123	(Voiss, 1986)	2
124	(Lasky, 1984)	37
125	(DiBella, 1980)	31
126	(McRae, 1980)	6
127	(Balch; Ireland; Lewis, 1977)	34
128	(Meyers, 1976)	25
129	(Nash; Cavenar, 1976)	35

Referências (Por No. De Citações)	Citações
(Hall, 2008)	0
(Herzig; Lavon, 2008a)	0
(Herzig; Lavon, 2008b)	0
(Herzig; Lavon, 2008c)	0
(Kalb, 2008)	0
(Langan, 2008)	0
(Muller, 2008)	0
(Silverman, 1986)	0
(Tonks, 2013)	0

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

7 DADOS

Neste item, apresenta-se uma visão geral da literatura analisada, destacando os padrões predominantes na produção acadêmica sobre o tema.

7.1 Distribuição Temporal

A análise do ano de publicação das obras permite identificar períodos de maior e menor interesse pela relação entre dinheiro e psicoterapia, evidenciando momentos de produção intensificada, geralmente associados à publicação de coletâneas e volumes temáticos.

O *corpus* deste estudo é composto por 129 artigos e livros publicados entre 1975 e 2024. O Gráfico 1 mostra um fluxo relativamente estável de publicações, com média de dois a três textos por biênio. Observa-se, no entanto, um aumento expressivo em quatro momentos específicos: 1986, 1991, 2008 e 2012, coincidindo com o lançamento de coletâneas fundamentais para a consolidação do debate sobre dinheiro na psicoterapia, organizadas por especialistas da área.

O primeiro pico, em 1986, relaciona-se à coletânea organizada por Krueger (*The Last Taboo: Money as Symbol and Reality in Psychotherapy and Psychoanalysis*), que reuniu 24 artigos explorando a centralidade do dinheiro na prática clínica, apresentando-o como um "último tabu" na psicanálise. Essa obra exerceu forte influência sobre os debates subsequentes.

Em 1991, novo aumento de publicações foi impulsionado pela coletânea *Money and Mind*, editada por Klebanow e Lowenkopf, também com 24 artigos. O volume ampliou as reflexões da década anterior, discutindo as interseções entre dinheiro, dinâmica terapêutica e identidade profissional do terapeuta.

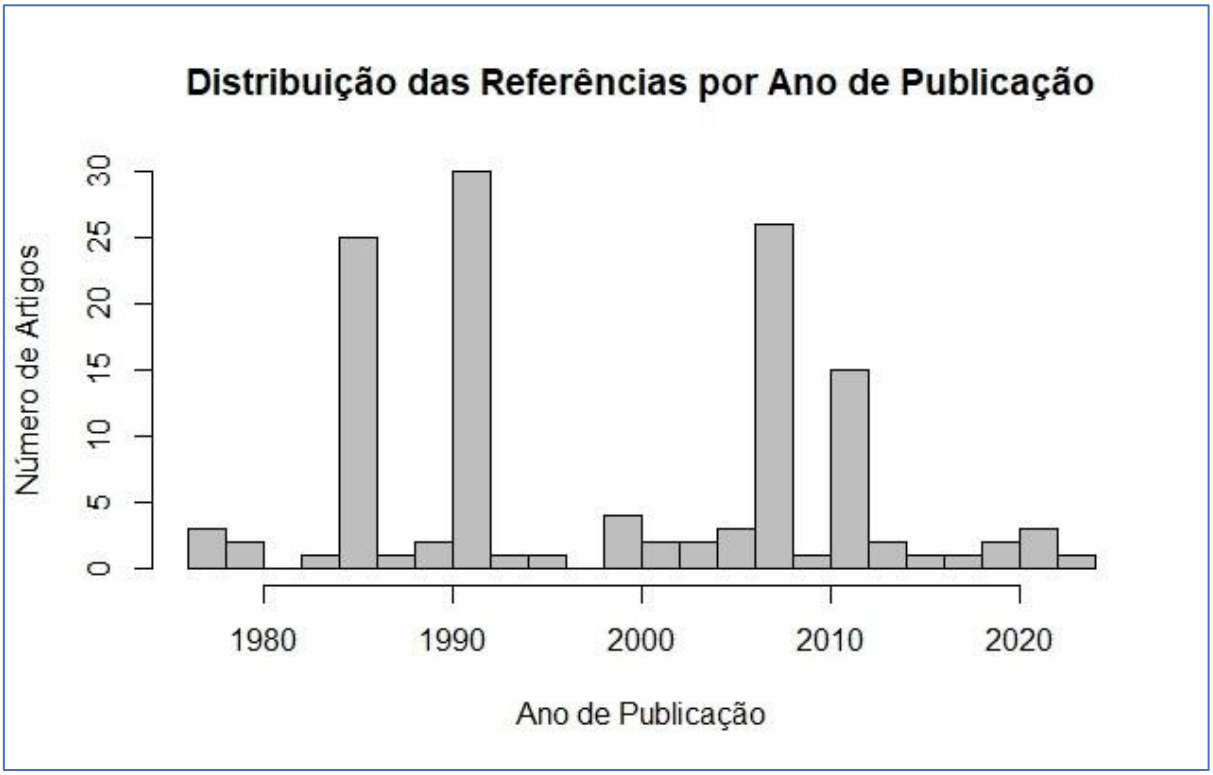
O terceiro pico, em 2008, decorre da publicação de *The Candidate: Perspectives from an Evolving Psychoanalytic Community – Money*, organizado por Herzig e Lavon. Diferentemente das coletâneas anteriores, esta enfatizou as implicações financeiras da

formação psicanalítica, abordando o impacto dos custos na estruturação da carreira dos analistas em formação e nas barreiras econômicas ao tratamento.

O último pico, em 2012, está vinculado ao livro *Money Talks: In Therapy, Society, and Life*, organizado por Berger e Newman. Com 13 artigos, essa coletânea ampliou o escopo da discussão ao considerar os desdobramentos sociais e culturais do dinheiro na psicoterapia, incluindo seus efeitos sobre o vínculo terapêutico e a percepção do valor da terapia.

A análise da distribuição temporal do *corpus* mostra que a temática do dinheiro na psicoterapia ganhou visibilidade e aprofundamento teórico especialmente quando impulsionada por iniciativas editoriais coletivas. Esses períodos de alta produtividade sugerem que o interesse pelo tema se intensifica quando o debate é promovido de forma estruturada e colaborativa dentro da comunidade acadêmica e profissional.

Gráfico 1: Trabalhos no *Corpus* ao Longo do Tempo (n = 129)



Fonte: Elaborado pelo Autor.

7.2 Relevância Relativa dos Trabalhos

Conforme explicado no item 6.4, esta pesquisa adota o número de citações no Google Scholar como indicador da relevância dos trabalhos que compõem seu *corpus*, métrica que permite avaliar o impacto acadêmico das publicações ao longo do tempo. O Gráfico 2 apresenta a relação entre a recência das publicações e sua relevância, expressa pelo volume de citações acumuladas desde sua publicação até o presente.

Observa-se no gráfico que algumas publicações se destacam pelo alto número de citações, indicando influência consolidada no campo. Proctor (2017), por exemplo, é a fonte mais citada e amplamente referenciada em discussões sobre poder na psicoterapia. Do mesmo modo, Hirsch (2008) e Krueger (1986a) são reconhecidos por suas contribuições substanciais à compreensão das dinâmicas financeiras no setting terapêutico. Outros textos de impacto relevante incluem Dimen (1994/2012), que problematiza as tensões entre dinheiro e psicanálise, e Lim e Sng (2006), que exploram os efeitos da insegurança financeira sobre crenças e motivações.

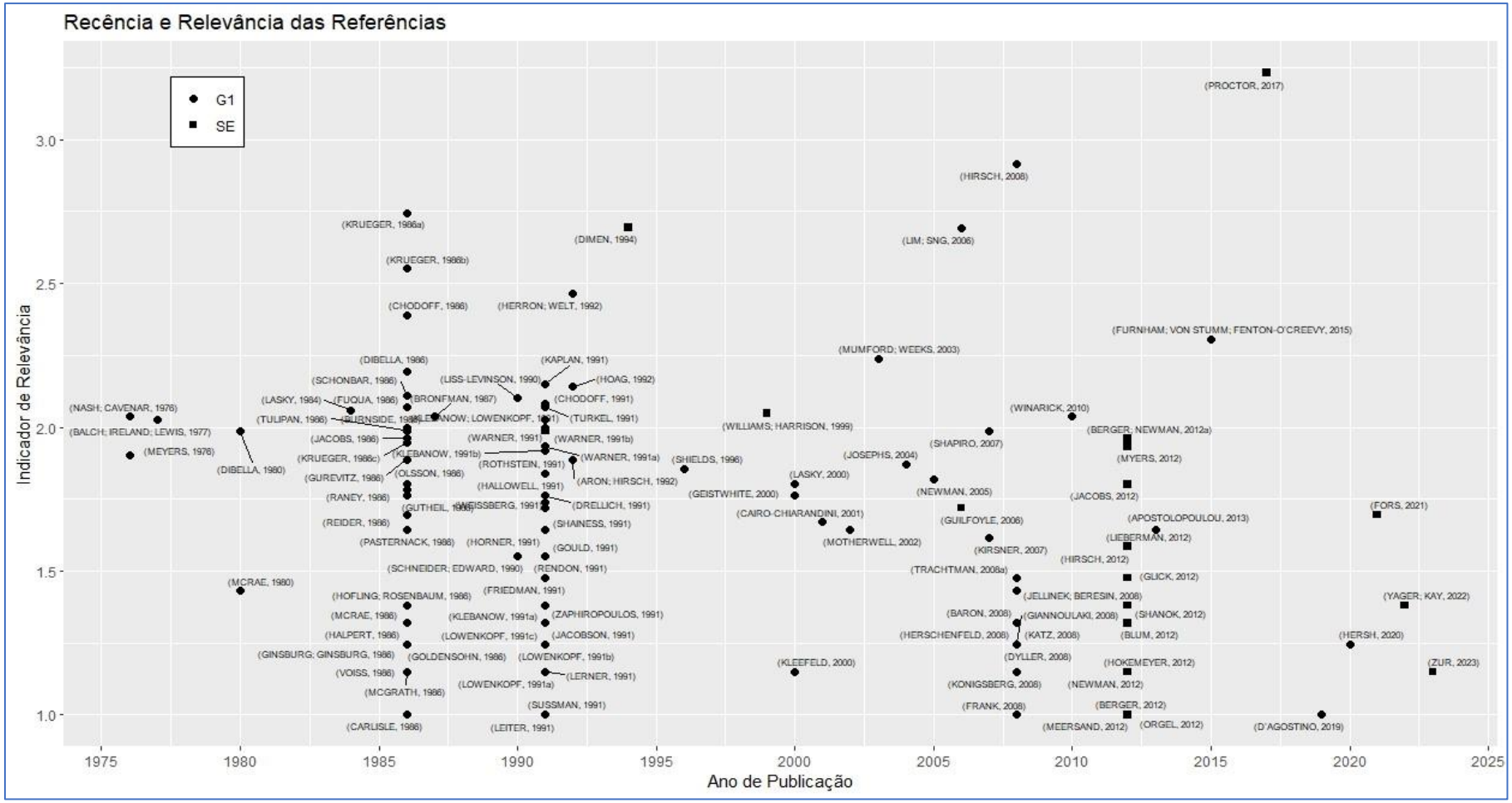
Um aspecto menos evidente, mas que merece destaque, é a presença de um conjunto expressivo de trabalhos com relevância mediana. Embora não apresentem volume significativo de citações individuais, essas publicações têm mantido viva a temática do dinheiro e das relações de poder na psicoterapia ao longo das décadas. Sua circulação acadêmica constante contribuiu para a persistência e a evolução das discussões, ampliando perspectivas teóricas e práticas sobre o tema.

Além disso, é importante considerar que a métrica de citação tende a subestimar a relevância dos trabalhos mais recentes. Publicações dos últimos anos ainda não tiveram tempo para serem amplamente incorporadas em novas pesquisas, o que significa que seu impacto real pode estar sub-representado. Isso é visível no Gráfico 2, onde vários textos recentes apresentam baixo número de citações, apesar de seu potencial para influenciar estudos futuros.

A seleção dos trabalhos submetidos a leitura aprofundada, destacada nos Quadros 4 e 5, considerou esses fatores. Em vez de se basear exclusivamente no número absoluto de citações, a escolha das referências enfatizadas privilegiou tanto a influência consolidada de certos textos quanto a relevância teórica e metodológica de estudos que, mesmo sem

ampla difusão, oferecem contribuições significativas para a compreensão das dinâmicas de poder associadas ao dinheiro no contexto psicoterapêutico.

Gráfico 2: Trabalhos no *Corpus* por Citações no Tempo



Fonte: Elaborado pelo Autor. Referências sem citações foram omitidas para clareza de leitura.

Quadro 4: Características dos Artigos com Mais Citações

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Proctor, 2017 (352) - Livro	N/S/N	- Examinar a crítica à desigualdade na relação terapeuta-cliente e explorar diferentes conceitos de poder na psicoterapia. - Ser um instrumento para ativistas desafiando a posição de poder de terapeutas no sistema de saúde mental	- A sociedade define grupos diferentes da norma como "outro" e estruturalmente lhes dá acesso a pouco poder, submetendo-os a sentimentos de opressão. - Sistemas terapêuticos são mais eficientes no controle e adaptação de pessoas do que no seu tratamento. - A literatura frequentemente trata o poder como uma posse do terapeuta, negando agência ao cliente. - A terapia é criticada por ignorar o contexto socioeconômico e estrutural do poder. - Modelos como a terapia centrada na pessoa desafiam a desigualdade na relação terapêutica. - O poder deve ser entendido como dinâmico e relacional, não apenas estrutural. - Resistência e agência do cliente devem ser levadas em conta ao considerar o poder na terapia.	Não aborda diretamente a questão do dinheiro na psicoterapia.
Hirsch, 2008 (210) - Livro	SN/S/N	- Capítulo 8: Explorar os conflitos inerentes à dependência econômica dos terapeutas em relação aos pacientes e seus impactos na prática clínica.	- O conflito econômico é central na profissão de terapeuta, pois sua dependência financeira pode comprometer a análise. - A retenção prolongada de pacientes pode ocorrer por necessidade financeira, não apenas por critérios clínicos. - A frequência das sessões pode ser influenciada por fatores econômicos. - O desejo do analista de ser apreciado pode levá-lo a evitar confrontos terapêuticos necessários.	Dependência, exploração, manutenção de pacientes, necessidade financeira, retenção prolongada, transação econômica.
Krueger, 1986a (156) – Coletânea de 24 artigos	S/S/S	- Explorar por que o dinheiro é considerado "o último tabu" na psicoterapia/psicanálise e analisar seus significados psicológicos e efeitos concretos na relação terapêutica.	- Dinheiro é um dos objetos mais emocionalmente carregados da vida moderna e permanece amplamente não discutido ("tabu") na terapia - Questões financeiras na terapia (especialmente o honorário) frequentemente se tornam focos de transferência/contratransferência, revelando dinâmicas inconscientes importantes na relação paciente-terapeuta - As políticas e atitudes do terapeuta em relação a honorários e dinheiro influenciam o curso do tratamento – podendo afetar o engajamento do paciente ou precipitar abandonos – e refletem também aspectos pessoais do terapeuta	Abandono, aceitação, amor, autoestima, autonomia, controle, dívida, status, independência, influência, nutrição, poder, potência, valor, realização, reconhecimento, dependência, segurança, separação, sucesso

Quadro 4 (Cont.): Características dos Artigos com Mais Citações

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Dimen, 1994/2012 (142)	S/S/N	- Examinar as contradições e paradoxos que envolvem a relação entre dinheiro, amor e ódio dentro do campo da psicanálise.	- Circunstâncias sócio-econômicas mudaram a inserção político-econômica da psicanálise ao longo do séc. XX. - A ênfase nos períodos mais recentes: 1960's = "*we decade*"; 1970's = "*me decade*"; 1980's = "*greed decade*". - Freud combina expectativas e preconceitos de classe com predileções e necessidades. - Tensão entre o esforço para engajar e o esforço para conceitualizar. - Amor e ódio nascem juntos. - A profissão de psicoterapeuta é intrinsicamente insegura, causa ansiedade. - Dinheiro envolve uma questão prática e uma questão psicanalítica interligadas. - Reduzindo tudo a um denominador comum, o dinheiro rouba e dissolve a personalidade. - A moldura está dentro e fora do campo analítico.	Amor e ódio; poder e respeito; gratidão; degradação; ouro e fezes.
Lim; Sng, 2006 (141)	N/N/S	Examinar os efeitos da insegurança no emprego dos pais sobre sua ansiedade financeira e como isso afeta as crenças e motivação para o trabalho de seus filhos.	- A insegurança no emprego dos pais tem efeito de *spillover* sobre a ansiedade financeira dos filhos. - A ansiedade financeira dos filhos se relaciona com comparação social e superação de inseguranças. - Motivos negativos para obter dinheiro reduzem a motivação intrínseca para o trabalho. - A insegurança no emprego do pai impacta mais do que a da mãe. - Filhos que percebem maior ansiedade financeira nos pais podem internalizar preocupações financeiras e desenvolver uma visão instrumental do dinheiro.	Ansiedade, comparação social, insegurança, poder econômico, status social.
Krueger, 1986b (108)	N/S/N	Explorar o papel simbólico do dinheiro e sua relação com o sucesso e a fobia do sucesso, analisando conflitos inconscientes que afetam sua aquisição, gestão e usufruto.	- O dinheiro simboliza poder, status, aceitação e segurança, sendo fortemente influenciado por valores culturais e familiares. - A sociedade oscila entre valorizar e condenar a riqueza, gerando culpa e conflitos sobre dinheiro. - O dinheiro pode ser um objeto transferencial, expressando dinâmicas inconscientes e afetando o psiquismo. - A fobia do sucesso se manifesta em dificuldades financeiras como medo da autonomia, riqueza, risco e compulsão por acumular. - Modelos parentais moldam a identidade e a relação com dinheiro, podendo levar à auto-sabotagem. - O desejo inconsciente de ser cuidado pode resultar em incapacidade de administrar finanças ou em dependência de terceiros. - O medo da riqueza aparece na procrastinação para cobrar honorários, desatenção a bens e resistência a avaliar finanças. - A compulsão por dinheiro pode ser tentativa de compensar insegurança, vazio e busca por validação externa. - A crença de que dinheiro resolve problemas emocionais leva à frustração quando riqueza não melhora a autoimagem. - O manejo do dinheiro expressa conflitos edípicos e identitários, exigindo revisão dos significados inconscientes da riqueza.	Aceitação, acumulação, autonomia, busca por validação, compulsão, conflito, culpa, dependência, desatenção, identidade, insegurança, manejo, medo, poder, procrastinação, riqueza, risco, segurança, status, transferência, vazio.

Quadro 4 (Cont.): Características dos Artigos com Mais Citações

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Herron; Welt, 1992 (91) - Livro	SN/S/N	- Examinar e esclarecer o papel do dinheiro – especialmente o honorário – no processo terapêutico, superando o tabu sobre o tema e propondo soluções benéficas para conflitos ligados à cobrança e pagamento	- Honorários na psicoterapia são paradoxais, porém essenciais; pacientes às vezes evitam terapia pelo custo e terapeutas sentem culpa ao cobrar. - Transparência e flexibilidade nos honorários fortalecem a aliança terapêutica	Amor, autoestima, controle, ganância, independência, poder, presentes, sexo.
Chodoff, 1986 (78)	S/S/N	- Examinar os impactos do pagamento por terceiros na prática da psicoterapia, especialmente em relação ao modelo médico, confidencialidade, diagnóstico e influência na técnica.	- O pagamento por terceiros transforma a relação terapêutica, introduzindo interesses externos e limitando a autonomia do terapeuta. - A necessidade de diagnósticos médicos para reembolso pode distorcer a categorização dos pacientes e afetar o processo terapêutico. - O financiamento por terceiros compromete a confidencialidade. - A dependência de pagamento externo incentiva práticas menos eficientes guiadas por critérios econômicos. - O terceiro pagador altera a relação de poder na terapia.	Acesso, autonomia, confidencialidade, controle, dependência, diagnóstico, eficiência, poder, resistência, técnica terapêutica, valor simbólico
Furnham; Von Stumm; Fenton-O'Creevy, 2015 (65)	SN/S/S	- Investigar as diferenças de gênero na patologia do dinheiro e nas associações emocionais com dinheiro na população geral.	- O dinheiro tem significados emocionais distintos para cada gênero e afeta suas decisões financeiras. - Mulheres pontuam mais alto na 'money insanity', preocupando-se mais com dinheiro e fazendo compras para regulação emocional. - Homens associam dinheiro a poder e segurança, enquanto mulheres o associam a amor e generosidade. - Homens tendem a acumular dinheiro e assumir mais riscos financeiros. - Diferenças nos comportamentos monetários podem ser atribuídas tanto a fatores biológicos quanto socioculturais.	Poder, segurança, amor, liberdade, regulação emocional, acumulação, risco financeiro.
Mumford; Weeks, 2003 (56)	S/S/N	- Apresentar o genograma financeiro como ferramenta para compreender crenças e padrões familiares sobre dinheiro e sua influência na terapia de casal.	- - O dinheiro é um tema central nas relações conjugais, mas frequentemente evitado nas discussões terapêuticas. - Padrões familiares de lidar com dinheiro são transmitidos intergeracionalmente. - O genograma financeiro permite identificar conflitos e significados ocultos associados ao dinheiro. - O dinheiro pode simbolizar poder, amor, segurança e controle nas relações conjugais.	Amor, controle, dependência, liberdade, poder, segurança, status social, troca simbólica, valor pessoal.
DiBella, 1986 (51)	S/S/N	Explorar como questões financeiras impactam a relação terapêutica e desenvolver estratégias para lidar com os honorários na psicoterapia.	- Questões de dinheiro frequentemente complicam o tratamento e influenciam transferência e contratransferência. - Evitar lidar com dinheiro pode resultar em ineficiência terapêutica e mal-entendidos entre terapeuta e paciente. - A relutância do terapeuta em discutir honorários pode gerar ressentimento e condescendência. - Ajustes inadequados na cobrança dos honorários podem comprometer a aliança terapêutica e a eficácia do tratamento. - A falta de um manejo adequado dos honorários pode reforçar dinâmicas transferenciais problemáticas, como dependência e ressentimento. - É essencial que terapeutas desenvolvam atitudes saudáveis sobre honorários para evitar distorções na relação terapêutica.	Autovalorização, cobrança, compromisso, controle, dependência, exploração, poder, ressentimento, responsabilidade, transação econômica.

Quadro 4 (Cont.): Características dos Artigos com Mais Citações

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Hoag, 1992 (45)	S/S/N	- Examinar a importância da manutenção do enquadre terapêutico na psicoterapia realizada em consultórios de prática geral.	- A manutenção do enquadre cria um ambiente de segurança para o paciente. - A violação do enquadre pode comprometer a relação terapêutica e gerar resistências. - O terapeuta deve estar atento às solicitações de modificação do enquadre feitas pelos pacientes. - A estrutura do pagamento da terapia influencia a percepção do paciente sobre o valor do tratamento. - O pagamento simboliza compromisso com a terapia e diferencia a relação terapêutica de outras interações sociais.	Compromisso, confiança, estrutura, transação econômica, valor simbólico.
Schonbar, 1986 (42)	S/S/N	- Investigar os significados clínicos e contratransferenciais das práticas de cobrança de honorários em psicoterapia.	- Políticas rígidas de honorários podem expressar conflitos não resolvidos do terapeuta. - Dinheiro funciona como catalisador de transferência e contratransferência. - A inflexibilidade pode ser mais contratransferencial que a flexibilidade. - O não pagamento pode representar conflitos de identidade, culpa, ou desejo de fusão. - A interação financeira pode interferir na aliança terapêutica e no desfecho do tratamento	Controle, dependência, expiação, identidade, poder, separação, substituto materno, valor do terapeuta.
Liss-Levinson, 1990 (41)	S/S/N	- Examinar o impacto do gênero sobre as questões financeiras na psicoterapia, com foco nas diferenças entre terapeutas homens e mulheres.	- Mulheres terapeutas tendem a cobrar honorários mais baixos que seus colegas homens, refletindo internalizações culturais sobre o valor do trabalho feminino. - O desejo de cuidar pode entrar em conflito com a necessidade de estabelecer limites financeiros claros. - Dinheiro na psicoterapia pode ser usado como meio de comunicação interpessoal e de expressão de poder. - A fixação de honorários reflete tensões entre as necessidades do terapeuta e do paciente. - A relação da mulher com dinheiro é influenciada por papéis culturais e sociais de gênero.	Cuidado, dependência, poder, reconhecimento, transação econômica, valor.
Chodoff, 1991 (39)	S/S/N	- Examinar os impactos das mudanças econômicas na prática da psicoterapia, especialmente em relação ao pagamento por terceiros e à industrialização da psiquiatria.	- A predominância do pagamento por terceiros altera a "medicalidade" da psicoterapia, impactando a elegibilidade para cobertura. - A industrialização da psiquiatria ameaça a prática independente e baseada em honorários. - A restrição de benefícios de seguro limita o acesso a psicoterapia intensiva, tornando-a um luxo para poucos. - A redução da cobertura de seguros desestimula novos psiquiatras a seguir carreiras em psicoterapia. - O modelo médico é usado para justificar ou restringir cobertura, influenciando a definição de transtornos mentais.	Acesso, controle, dependência financeira, elegibilidade, industrialização, limitação, medicalidade, poder econômico.
Fuqua, 1986 (38)	N/S/N	Analisar as visões psicanalíticas clássicas sobre dinheiro e sua relação com pulsões inconscientes, desenvolvimento infantil e características de personalidade.	- Freud associou dinheiro a fezes, vendo conexões com controle, retenção e liberação. - O manejo inadequado do dinheiro pode refletir conflitos anal-eróticos e fixações infantis. - O pagamento da terapia deve ser tratado com franqueza, pois evitar o tema pode reforçar resistências. - A mesquinhez e o desejo de acumular dinheiro podem derivar de experiências precoces de controle e frustração. - O dinheiro pode simbolizar poder, presente, amor, ódio ou sublimação de impulsos. - A teoria marxista influencia Fenichel ao destacar o papel social do dinheiro na manutenção de desigualdades.	Acumulação, analidade, controle, culpa, poder, presente, retenção, submissão, sublimação, valor.

Quadro 4 (Cont.): Características dos Artigos com Mais Citações

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Turquel, 1991 (38)	S/S/N	- Analisar os significados psicológicos do dinheiro em casamentos de duplas-carreiras e seu papel nos conflitos conjugais.	- O dinheiro simboliza e expressa conflitos inconscientes no casamento. - Disparidades de renda afetam poder e autoestima no casal. - Sistemas financeiros conjugais refletem padrões de autoridade e identidade. - Conflitos sobre dinheiro podem mascarar questões de dependência, hostilidade ou sexualidade. - O uso do dinheiro no casal pode expressar desejos simbólicos inconscientes.	Aceitação, autoridade, autonomia, controle, culpa, identidade, inveja, poder, rejeição, segurança, sexualidade, status, submissão, valor, vergonha.
Lasky, 1984 (37)	S/S/N	Analisar os conflitos internos vivenciados por psicanalistas e psicoterapeutas no estabelecimento de honorários.	- Muitos terapeutas sentem ambivalência entre valorizar seu trabalho e a necessidade de ganhar a vida. - A ausência de treinamento formal sobre dinheiro contribui para a insegurança dos terapeutas. - A configuração do valor da sessão reflete características da personalidade do terapeuta. - Mulheres terapeutas relatam maior sofrimento em relação à fixação de honorários do que seus colegas homens. - A forma como os honorários são ajustados pode impactar a dinâmica da terapia.	Ambivalência, autoestima, conflito interno, reconhecimento, sobrevivência, transação econômica, valor profissional.
William; Harrison, 1999 (36)	S/S/N	Examinar as dinâmicas de poder na relação terapêutica e como o dinheiro pode influenciar a percepção de autoridade e legitimidade na psicoterapia.	- O pagamento da terapia pode reforçar desigualdades de poder entre terapeuta e paciente. - A percepção do terapeuta como autoridade pode ser intensificada pela estrutura financeira da terapia. - Pacientes podem internalizar a desigualdade econômica na relação terapêutica e sentir-se menos autônomos. - O dinheiro pode tanto ser uma ferramenta de controle quanto um fator de resistência na terapia.	Autoridade, desigualdade, autonomia, controle, resistência, transação econômica.
Bronfman, 1987 (35)	N/S/N	Explorar a experiência subjetiva da riqueza herdada e seus impactos psicológicos.	- Indivíduos que herdam grandes fortunas frequentemente enfrentam dilemas de identidade e pertencimento. - O dinheiro herdado pode gerar culpa e sentimentos de isolamento social. - Relações familiares podem ser impactadas por conflitos em torno do dinheiro herdado. - A riqueza herdada pode ser percebida como um fardo emocional, especialmente quando não há uma sensação de merecimento. - A gestão da fortuna herdada envolve questões de autonomia e controle sobre a própria vida.	Autonomia, culpa, identidade, isolamento, merecimento, poder, status social, valor simbólico.
Nash; Cavenar, 1976 (35)	S/S/N	Examinar os efeitos da ausência de honorários na psicoterapia e como isso afeta a resistência dos pacientes.	- A ausência de pagamento pode intensificar resistências neuróticas e interferir na aliança terapêutica. - Alguns pacientes sentem culpa por receber tratamento gratuito, dificultando o progresso terapêutico. - A falta de um valor simbólico associado ao tratamento pode reduzir seu impacto subjetivo. - Em alguns casos, a ausência de pagamento leva a fantasias de demandas não financeiras por parte do terapeuta.	Culpa, resistência, valor simbólico, transação econômica, compromisso.

Quadro 4 (Cont.): Características dos Artigos com Mais Citações

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Winarick, 2010 (35)	N/S/N	Explorar a relação entre ganância e inveja na psicanálise, com base na teoria kleiniana.	- A ganância pode ser vista como uma defesa contra a inveja inconsciente. - O desejo insaciável de poder e riqueza frequentemente tem raízes em fantasias persecutórias e ansiedades primitivas. - A ganância extrema está associada a mecanismos psicopatológicos. - O dinheiro pode ser um veículo para a expressão de dinâmicas inconscientes de poder, controle e destruição.	Poder, controle, destruição, inveja, valor simbólico, desejo insaciável.
Balch; Ireland; Lewis, 1977 (34)	S/S/S	Examinar a relação entre a fonte de pagamento e variáveis do processo terapêutico em um centro de saúde mental comunitário.	- Pagamento próprio vs. por terceiros afeta a frequência e duração do tratamento. - Clientes que pagam do próprio bolso tendem a ter menos sessões do que aqueles cujo pagamento é coberto por terceiros. - Não há relação significativa entre a fonte de pagamento e o desfecho terapêutico.	Acesso ao tratamento, comprometimento, frequência de sessões, impacto financeiro.
Klebanow; Lowenkopf, 1991 (34) Coletânea De 24 Artigos	SN/S/N	- Examinar como o dinheiro afeta o comportamento e a vida mental das pessoas, e de que forma questões monetárias se manifestam na psicoterapia.	- O dinheiro é onipresente, porém frequentemente tabu, na vida humana. - Carrega significados simbólicos múltiplos e molda profundamente as relações pessoais e a dinâmica psicoterapêutica.	Amor, autoestima, controle, excremento, ganância, independência, pênis, poder, presente, seio, sexo.
Burnside, 1986 (32)	S/S/S	Investigar diferenças entre terapeutas homens e mulheres quanto às práticas de fixação e redução de honorário	- Terapeutas mulheres cobram significativamente menos que homens, apesar de experiência semelhante. - Mulheres apresentam maior variabilidade e flexibilidade nos valores cobrados. - Diferenças de honorários podem refletir autoestima, valores culturais e papel de gênero. - Mulheres tendem a priorizar o cuidado e a acessibilidade em detrimento da remuneração. -. Desvalorização social da terapeuta mulher pode impactar nos honorários praticados.	Altruísmo, autoestima, acessibilidade, gênero, mercado, poder, preconceito, profissão, reconhecimento, status, valo.
Warner, 1991b (32)	S/S/N	Examinar os significados psíquicos do dinheiro na vida de Freud e suas implicações teóricas e clínicas.	- Freud manteve a narrativa de pobreza juvenil como expressão de uma neurose do dinheiro. - A relação com o dinheiro em Freud estava ligada à culpa, fantasia e ressentimento. - O não reconhecimento do dinheiro como tema clínico revela um ponto cego na teoria freudiana. - Freud recusava atender gratuitamente por convicção técnica, o que gerou conflitos com colegas. - A dívida financeira recorrente gerava ambivalência e afetava suas relações pessoais.	Culpa, dívida, fantasia, identidade, inveja, neurose, poder, privação, reconhecimento, ressentimento, valor.
DiBella, 1980 (31)	S/S/N	Examinar como questões financeiras impactam a relação terapêutica e desenvolver estratégias para lidar com os honorários na psicoterapia.	- Conflitos emocionais sobre dinheiro podem sabotar o tratamento. - Honorários são frequentemente negligenciados na formação médica, criando dificuldades para os terapeutas. - Transações financeiras mal administradas geram tensão, mal-entendidos e resistência nos pacientes. - A falta de consciência sobre dinheiro na terapia pode reforçar dinâmicas transferenciais problemáticas, como dependência excessiva ou ressentimento. - É essencial que terapeutas desenvolvam atitudes saudáveis e objetivas sobre honorários para evitar distorções na relação terapêutica.	Conflito emocional, transação econômica, valor terapêutico, resistência, poder, responsabilidade profissional.

Quadro 4 (Cont.): Características dos Artigos com Mais Citações

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Shapiro, 2007 (31)	N/S/N	Explorar o papel do dinheiro na terapia de casais e como ele pode ser utilizado como ferramenta terapêutica ao longo do ciclo de vida do casal.	- O dinheiro tem um papel crucial nos relacionamentos conjugais e frequentemente reflete conflitos emocionais subjacentes. - Terapeutas não costumam discutir dinheiro, o que pode levar a lacunas na abordagem terapêutica. - O dinheiro pode ser um símbolo de poder, segurança, compromisso e aceitação no relacionamento. - Casais raramente discutem abertamente suas crenças financeiras e as expectativas derivadas de suas famílias de origem. - O dinheiro pode ser usado como metáfora para questões mais profundas, como autonomia e confiança no casal.	Poder, compromisso, segurança, reconhecimento, valor simbólico, autonomia, confiança.
Tulipan, 1986 (31)	S/S/N	Examinar como políticas de honorários expressam o estilo pessoal e a orientação teórica do terapeuta.	- A política de honorários deve ser coerente com a postura e o estilo terapêutico. - Práticas rígidas ou flexíveis são válidas se fundamentadas em princípios congruentes. - O dinheiro ativa dimensões relacionais como poder, dependência e autoestima. - Políticas incoerentes ou imitativas podem comprometer a relação terapêutica. - O modelo de "subsídio ao terapeuta" permite flexibilidade com integridade.	Altruísmo, autoridade, conforto, congruência, dependência, estilo, liberdade, identidade, poder, reconhecimento, relação, valor.
Warner, 1991a (31)	N/S/N	Explorar as dificuldades específicas do tratamento psicanalítico de indivíduos muito ricos.	- Pacientes muito ricos frequentemente apresentam um forte senso de direito (entitlement) e externalizam seus problemas, atribuindo-os ao ambiente em vez de reconhecer conflitos intrapsíquicos. - A relação terapêutica pode ser marcada por tentativas de manipulação e resistência ao processo analítico. - O status social e o poder econômico do paciente podem afetar a dinâmica transferencial e contratransferencial. - Muitos terapeutas sentem dificuldades em lidar com os privilégios dos pacientes ricos e podem sucumbir à idealização ou ressentimento. - Pacientes ricos podem buscar múltiplas opiniões médicas até encontrarem um profissional que valide sua perspectiva. - A impaciência com o processo terapêutico e a expectativa de soluções rápidas podem levar à interrupção precoce do tratamento. - O uso de dinheiro como ferramenta de sedução na relação terapêutica é uma questão recorrente no tratamento dos muito ricos. - A negação de problemas psicológicos e a crença na resolução de dificuldades por meio de mudanças externas dificultam a adesão à terapia. - Pacientes ricos frequentemente esperam tratamento diferenciado, como privilégios especiais ou flexibilização do enquadre. - O terapeuta deve estar atento para não ser cooptado pela dinâmica de poder do paciente e manter sua postura técnica e ética.	Poder, privilégio, resistência, identidade, manipulação, desigualdade social, sedução, controle.

Fonte: Elaborado pelo autor. Legenda: Artigo (NC) = Identificação por Autor-Data; entre parêntesis, número de citações no Google Scholar; H = trata da questão dos honorários? S = Sim, N = Não; QL = faz análise qualitativa de casos clínicos? S = Sim N = Não; QT = faz análise quantitativa dos dados? S = Sim e N = Não

Quadro 5: Características dos Artigos Mais Recentes do *Corpus*

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Zur, 2023 (2)	SN/S/S	- Questionar o conceito tradicional de 'diferencial de poder' na psicoterapia. - Explorar os múltiplos tipos de poder envolvidos na relação terapeuta-cliente. - Criticar a visão de que todos os clientes são inerentemente vulneráveis.	- O diferencial de poder entre terapeuta e cliente não é fixo nem absoluto; varia conforme o contexto e as características individuais. - O cliente também pode exercer poder sobre o terapeuta, especialmente em casos de pacientes influentes ou financeiramente bem-sucedidos. - O poder na terapia pode ser coercitivo, mas também pode ser relacional, simbólico e dependente da interação. - A visão tradicional de que terapeutas possuem total controle sobre seus clientes ignora a agência dos pacientes. - Clientes influentes – como CEOs, advogados renomados ou terapeutas em tratamento – podem ter uma posição de poder na relação. - Clientes podem exercer controle sobre terapeutas por meio de expectativas, demandas ou até ameaças (como registrar queixas profissionais).	Dependência, influência, poder, transação.
Yager; Kay, 2022 (2)	SN/S/N	- Explorar a influência do dinheiro na avaliação psiquiátrica, formulação de casos, planejamento de tratamento e psicoterapia contínua. - Introduzir o conceito de psicoeconomia clínica e destacar sua relevância para a prática psiquiátrica e psicoterapêutica.	- O dinheiro influencia significativamente a busca, manutenção e interrupção da psicoterapia. - Muitos terapeutas evitam discutir questões financeiras, o que pode levar a conflitos não resolvidos e dinâmicas problemáticas de transferência e contratransferência. - Pacientes podem experimentar sentimentos de vergonha, culpa, inveja ou orgulho relacionados ao dinheiro, impactando suas interações terapêuticas. - A disposição para pagar por terapia reflete atitudes culturais e individuais sobre saúde mental e valor pessoal. - A falta de dinheiro pode levar pacientes a evitarem o tratamento ou a interrompê-lo prematuramente. - Em alguns casos, o pagamento da terapia pode ser usado como instrumento de controle, manipulação ou dependência na relação terapêutica.	Acesso à saúde mental, autonomia, culpa, dependência, inveja, investimento emocional, poder, privação, status, valor pessoal, vergonha.
Brenner, 2021 (5)	SN/S/N	- Examinar a importância de abordar questões financeiras na terapia. - Explorar como dinheiro e honorários impactam a relação terapêutica.	- A evitação do tema dinheiro pelos terapeutas pode comprometer a aliança terapêutica e reforçar tabus. - Discussões abertas sobre dinheiro podem fortalecer a relação terapêutica e reduzir ansiedade do paciente. - A forma como o terapeuta lida com dinheiro reflete sua própria história e crenças sobre finanças. - Pacientes podem projetar sentimentos de culpa, vergonha ou ressentimento sobre dinheiro no terapeuta. - O dinheiro pode se tornar um foco de transferência e contratransferência na terapia.	Acesso à saúde mental, ansiedade, culpa, honra, investimento emocional, poder, projeção, ressentimento, status, vergonha.

Quadro 5 (Cont.): Características dos Artigos Mais Recentes do *Corpus*

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Fors, 2021 (14)	N/S/N	- Analisar diferentes formas de poder que operam na situação clínica. - Propor uma abordagem que reconhece a heterogeneidade dos temas de poder na psicoterapia.	- O poder na psicoterapia pode ser analisado em quatro dimensões: poder profissional, poder transferencial, poder sociopolítico e poder burocrático. - O terapeuta detém um poder assimétrico por conta do conhecimento e da posição profissional. - O poder também é exercido pelos clientes, especialmente em contextos institucionais e burocráticos. - A interação entre diferentes formas de poder pode resultar em dinâmicas inesperadas dentro do processo terapêutico.	(Sem menção direta ao dinheiro.)
Hersh, 2020 (3)	SN/S/N	- Discutir a relevância da introdução de perguntas sobre dinheiro na entrevista estrutural. - Explorar como aspectos financeiros emergem na avaliação diagnóstica e na relação terapêutica.	- A omissão de perguntas sobre dinheiro na entrevista diagnóstica pode ocultar aspectos importantes da organização da personalidade. - Questões financeiras frequentemente emergem na transferência, refletindo dinâmicas inconscientes de poder, culpa e dependência. - Muitos clínicos evitam discutir dinheiro por desconforto pessoal ou por receio de que isso comprometa a relação terapêutica. - A relação do paciente com dinheiro pode revelar padrões de identidade, agressividade, defesas e relações objetais. - A formalização de honorários e contratos financeiros pode ser usada como instrumento técnico para clarificar aspectos da transferência.	Dependência, identidade, poder, transação.
D'Agostino, 2019 (1)	S/S/S	- Examinar o impacto das escalas de honorários na retenção de clientes na terapia de casais. - Avaliar se uma taxa inicial afeta o número total de sessões frequentadas.	- A taxa inicial na primeira sessão não previu o número total de sessões frequentadas. - A renda não foi um fator significativo para a permanência na terapia. - Clientes com maior sofrimento individual (sintomas de ansiedade e depressão) tenderam a permanecer mais tempo em tratamento. - A fixação de honorários pode ser um fator organizador da relação terapêutica, mas seu impacto não é uniforme entre os clientes.	Acesso, compromisso, transação.

Quadro 5 (Cont.): Características dos Artigos Mais Recentes do *Corpus*

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Proctor, 2017 (352) - Livro	SN/S/N	- Examinar a crítica à desigualdade na relação terapeuta-cliente e explorar diferentes conceitos de poder na psicoterapia. - Ser um instrumento para ativistas desafiando a posição de poder de terapeutas no sistema de saúde mental	- A sociedade define grupos diferentes da norma como “outro” e estruturalmente lhes dá acesso a pouco poder, submetendo-os a sentimentos de opressão. - Sistemas terapêuticos são mais eficientes no controle e adaptação de pessoas do que no seu tratamento. - A literatura frequentemente trata o poder como uma posse do terapeuta, negando agência ao cliente. - A terapia é criticada por ignorar o contexto socioeconômico e estrutural do poder. - Modelos como a terapia centrada na pessoa desafiam a desigualdade na relação terapêutica. - O poder deve ser entendido como dinâmico e relacional, não apenas estrutural. - Resistência e agência do cliente devem ser levadas em conta ao considerar o poder na terapia.	Não aborda diretamente a questão do dinheiro na psicoterapia.
Furnham; Von Stumm; Fenton-O’Creevy, 2015 (65)	SN/S/S	- Investigar as diferenças de gênero na patologia do dinheiro e nas associações emocionais com dinheiro na população geral.	- Mulheres pontuam mais alto na 'money insanity', preocupando-se mais com dinheiro e fazendo compras para regulação emocional. - Homens associam dinheiro a poder e segurança, enquanto mulheres o associam a amor e generosidade. - Homens tendem a acumular dinheiro e assumir mais riscos financeiros. - O dinheiro tem significados emocionais distintos para cada gênero e afeta suas decisões financeiras. - Diferenças nos comportamentos monetários podem ser atribuídas tanto a fatores biológicos quanto socioculturais.	Poder, segurança, amor, liberdade, regulação emocional, acumulação, risco financeiro.
Apostolopoulou, 2013 (12)	SN/S/N	- Explorar os efeitos da crise econômica na prática privada da psicoterapia. - Discutir como a crise financeira afeta tanto clientes quanto terapeutas, alterando a relação terapêutica.	- A crise econômica leva muitos clientes a abandonarem a terapia por falta de recursos financeiros. - Terapeutas também sofrem impacto financeiro, o que pode afetar sua neutralidade e postura profissional. - Questões de honorários, antes evitadas, tornaram-se centrais na relação terapêutica. - Dinâmicas de transferência e contratransferência podem ser intensificadas por inseguranças financeiras de ambas as partes. - O dinheiro adquire significados simbólicos intensificados em tempos de crise.	Acesso, dependência, poder, transação.
Tonks, 2013 (0)	S/S/N	- Explorar as percepções de terapeutas sobre o impacto da transação financeira na relação terapêutica. - Investigar como a cobrança de honorários influencia a dinâmica entre terapeutas e clientes.	- Terapeutas frequentemente sentem desconforto ao cobrar honorários, o que pode afetar sua postura profissional. - A transação financeira pode ser percebida como uma interferência na aliança terapêutica, evocando sentimentos de culpa ou ambivalência. - O pagamento por sessões pode reforçar o senso de valor da terapia para o cliente, mas também gerar tensões simbólicas na relação. - O dinheiro na terapia é tratado como um tabu, raramente abordado em treinamentos profissionais.	Culpa, identidade, poder, transação, valor.

Quadro 5 (Cont.): Características dos Artigos Mais Recentes do *Corpus*

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Blum, 2012 (4)	S/S/N	Refletir sobre os efeitos clínicos e culturais da ganância, da inveja e das dinâmicas de culpa e direito em torno do dinheiro.	- O dinheiro pode servir como expressão de culpa inconsciente ou sentimento de direito narcisista. - Relações analíticas são afetadas por projeções de ganância e controle ligadas aos honorários. - A cultura contemporânea reforça fantasias de onipotência ligadas à riqueza. -. Analistas podem ser seduzidos ou desvalorizados por pacientes ricos. - O dinheiro pode condensar significados arcaicos.	Controle, culpa, desejo, fezes, inveja, onipotência, poder, prêmio, projeção, punição, recompensa, sedução, seio, status, valor
Glick, 2012 (7)	S/S/N	Investigar os efeitos clínicos e transferenciais da riqueza na psicanálise, com foco em pacientes ricos e nas contratransferências suscitadas nos analistas.	- A riqueza pode expressar desejos inconscientes e intensificar conflitos narcísicos e transferenciais, exigindo atenção clínica diferenciada. - A origem da riqueza (herdada ou conquistada) impacta profundamente a estrutura psíquica e os vínculos familiares. - Pacientes ricos podem manifestar resistência ao tratamento por meio de desprezo às regras e à irrelevância simbólica dos honorários. - Analistas enfrentam contratransferência marcada por inveja, idealização e moralismo frente ao poder e liberdade dos pacientes ricos. - O dinheiro, em alguns casos, serve como substituto narcísico, ativando defesas como grandiosidade, compulsão por controle e onipotência.	Acúmulo, autonomia, controle, diferença, identidade, inveja, liberdade, poder, projeção, resistência, status, substituto narcísico, tabu, valor.
Grech, 2012 (0)	N/S/N	Explicar como vieses cognitivos influenciam decisões financeiras individuais e contribuem para crises econômicas	- O dinheiro ativo áreas cerebrais associadas à dor física, o que intensifica a aversão à perda. - Vieses como ancoragem, ilusão monetária e efeito manada distorcem decisões de investimento. -. Relações emocionais com instituições e conselheiros afetam julgamentos financeiros. - O design das escolhas (choice architecture) pode mitigar erros financeiros. - A neuroeconomia revela que vieses são estruturais, não escolhas conscientes.	Aversão, comportamento, decisão, emoção, erro, ilusão, influência, investimento, narrativa, perda, valor, viés.

Quadro 5 (Cont.): Características dos Artigos Mais Recentes do *Corpus*

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Hirsch, 2012 (10)	S/S/N	Discutir como os interesses financeiros dos analistas podem comprometer a prática analítica e gerar efeitos éticos, técnicos e transferenciais.	- A dependência econômica do analista em relação ao paciente gera conflitos entre interesse próprio e clínico. - Muitos analistas mantêm pacientes em análise além do necessário por motivação financeira, disfarçada como necessidade clínica. - O desejo de ser agradado ou evitar rompimentos compromete a neutralidade e o manejo técnico. - Configurações como sessões duplas, por telefone ou com familiares comprometem o enquadre para preservar renda. - A projeção de ambição e ganância nos pacientes ricos mascara o desejo de status e reconhecimento do próprio analista.	Ambição, compromisso ético, dependência, ganância, interesse próprio, poder, projeção, reconhecimento, status, sobrevivência financeira, transferência, valor.
Hokemeyer, 2012 (2)	S/S/N	Argumentar que pacientes ricos requerem atenção clínica específica às dinâmicas de poder, identidade e estigma associadas à riqueza.	- A riqueza extrema pode gerar sofrimento psíquico invisibilizado por idealizações sociais. - Pacientes ricos enfrentam estigma e desconfiança por parte de profissionais de saúde mental. - O dinheiro afeta transferências e papéis identitários na psicoterapia. - A formação clínica negligencia as complexidades subjetivas da riqueza. - A ética clínica exige reconhecimento do sofrimento legítimo associado ao privilégio.	Acesso, identidade, inveja, isolamento, poder, privilégio, projeção, status, sofrimento, valor.
Jacobs, 2012 (19)	S/S/N	Refletir sobre os impactos psicológicos e éticos do dinheiro na formação e prática psicanalítica, destacando efeitos clínicos e institucionais pouco discutidos.	- O dinheiro é tratado como tabu na formação psicanalítica, o que favorece omissões, colusões e atuações inconscientes. - A ansiedade financeira afeta decisões clínicas como aceitação de pacientes, fixação de honorários e encerramento de tratamentos. - Dificuldades pessoais do analista com autoestima e ambição interferem na negociação e no manejo de honorários. - Supervisores e analistas de formação influenciam práticas financeiras dos candidatos, com possíveis efeitos clínicos negativos. - A falta de discussão institucional sobre dinheiro perpetua problemas éticos e técnicos na psicanálise contemporânea.	Ansiedade, autoestima, carreira, compromisso ético, dependência, formação, inveja, poder, projeção, reconhecimento, status, tabu, valor.
Lieberman, 2012 (10)	S/S/N	Analisar como a afluência recente transformou as manifestações clínicas de ganância, inveja e funcionamento do superego nas práticas psicanalíticas atuais	- Um "novo superego", menos ético e mais narcisista, promove valores de sucesso material, beleza e status, em vez de moralidade ou altruísmo. - A riqueza excessiva ativa expressões ego-sintônicas de ganância e inveja, com fraca elaboração simbólica e pouco sentimento de culpa. - Pacientes ricos frequentemente desafiam o enquadre e atribuem ganância aos analistas, criando dificuldades contratransferenciais. - A manutenção do tratamento por pais ricos pode comprometer a autonomia do paciente e introduzir distorções na transferência. - Analistas devem lidar com seus próprios valores e ressentimentos para evitar atuações moralistas, mantendo postura empática e reflexiva.	Afluência, autonomia, controle, culpa, desejo, diferença, ganância, inveja, narcisismo, poder, projeção, status, substituto simbólico, superego, tabu, valor, vazio existencial.

Quadro 5 (Cont.): Características dos Artigos Mais Recentes do *Corpus*

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Meersand, 2012 (1)	S/S/N	Examinar os sentidos atribuídos ao dinheiro por crianças e jovens em psicoterapia, considerando o desenvolvimento e os vínculos familiares.	- Crianças elaboram fantasias sobre o dinheiro do tratamento mesmo sem envolvimento direto com os pagamentos. - O desenvolvimento infantil modifica a compreensão do dinheiro e sua significação psíquica. - A dependência financeira dos pais gera culpa, vergonha e conflitos identitários em adolescentes e jovens adultos. - Os honorários evocam sentimentos intensos também nos pais e terapeutas, afetando o vínculo clínico. - A relação com o dinheiro na terapia expressa conflitos de autonomia, poder e valor pessoal em todas as fases do desenvolvimento	Acesso, autonomia, culpa, desenvolvimento, identidade, inveja, poder, privacidade, projeção, ressentimento, valor, vergonha.
Myers, 2012 (27)	S/S/N	Examinar como o desejo do terapeuta se manifesta na relação com os honorários e suas implicações para o vínculo terapêutico.	- O desejo por dinheiro do terapeuta é frequentemente negado ou reprimido, dificultando a mutualidade. - A negociação do valor da sessão pode ser espaço de reconhecimento intersubjetivo. - Manter o valor baixo por culpa ou medo empobrece a relação clínica. - A vergonha do sucesso e o medo de abandono interferem na fixação de honorários. - A confrontação em torno do dinheiro pode promover crescimento e autonomia do paciente.	Ambição, autonomia, culpa, desejo, diferença, inveja, mutualidade, poder, reconhecimento, ressentimento, subjetividade, valor, vergonha.
Newman, 2012 (2)	S/S/N	Discutir os significados transferenciais e institucionais dos honorários em contextos de formação analítica.	- Honorários baixos em formação podem gerar ressentimento e comprometer o trabalho analítico. - Pacientes usam o não pagamento como forma inconsciente de agressão e controle. - Dinheiro pode ser meio de repetição de vínculos sadomasoquistas precoces. - A dívida financeira pode se tornar uma forma de manter o analista cativo. - Encarar o dinheiro como realidade e fantasia é essencial à formação analítica.	Agressividade, aprisionamento, controle, dependência, fantasia, formação, impotência, punição, ressentimento, sadismo, transferência, valor.
Orgel, 2012 (1)	S/S/N	Comentar os significados inconscientes do dinheiro na clínica psicanalítica a partir dos textos de Berger e Newman.	- O dinheiro evoca conflitos transferenciais que repetem relações objetais primitivas. - Pagar pouco ou muito tem efeitos clínicos específicos, que devem ser explorados. - O analista também é afetado inconscientemente pelas condições econômicas do paciente. - O dinheiro pode simbolizar amor, dominação, privação ou submissão. - Relações sadomasoquistas frequentemente se manifestam nos acordos de honorários	Agressividade, amor, autoridade, dominação, fantasia, identidade, inveja, masoquismo, poder, privação, projeção, submissão, valor.

Artigo e Citações	H/QL/QT	Objetivos	Afirmações Substantivas	Sentidos de Dinheiro
Shanok, 2012 (5)	S/S/N	Discutir como gênero influencia as vivências, atitudes e práticas de terapeutas e pacientes em relação ao dinheiro na psicoterapia.	- Mulheres terapeutas tendem a cobrar menos e a flexibilizar mais os honorários do que homens. - Dinheiro ativa fantasias sobre valor pessoal, poder e cuidado, tanto nos pacientes quanto nos terapeutas. - Evitar discutir dinheiro em terapia pode gerar colusões inconscientes e afetar o vínculo. - O tempo também carrega significados simbólicos, frequentemente negligenciados, e relacionados a gênero. - A formação clínica costuma negligenciar o ensino de aspectos concretos da gestão financeira na prática.	Ambivalência, autoridade, cuidado, cultura, diferença, evasão, gênero, identidade, poder, reconhecimento, ressentimento, tempo, valor.
Winarick, 2010 (35)	N/S/N	Explorar a relação entre ganância e inveja na psicanálise, com base na teoria kleiniana.	- A ganância pode ser vista como uma defesa contra a inveja inconsciente. - O desejo insaciável de poder e riqueza frequentemente tem raízes em fantasias persecutórias e ansiedades primitivas. - A ganância extrema está associada a mecanismos psicopatológicos, incluindo divisão e projeção. - O dinheiro pode ser um veículo para a expressão de dinâmicas inconscientes de poder, controle e destruição.	Poder, controle, destruição, inveja, valor simbólico, desejo insaciável.

Fonte: Elaborado pelo autor. Legenda: Artigo (NC) = Identificação por Autor-Data; entre parêntesis, número de citações no Google Scholar; H = trata da questão dos honorários? S = Sim, N = Não; QL = faz análise qualitativa de casos clínicos? S = Sim N = Não; QT = faz análise quantitativa dos dados? S = Sim e N = Não.

7.3 Afiliação a uma Abordagem Psicológica

A análise das referências incluídas neste estudo revela que a discussão sobre dinheiro e poder na psicoterapia é majoritariamente influenciada por algumas tradições teóricas específicas. A afiliação teórica dos trabalhos analisados pode ser explícita, quando os autores se posicionam diretamente dentro de um referencial teórico, ou implícita, quando a estrutura argumentativa, os conceitos mobilizados e os autores citados indicam alinhamento com determinada abordagem.

A predominância de uma perspectiva psicanalítica é evidente. A maioria dos trabalhos analisados deriva de conceitos fundamentais dessa tradição, especialmente no que diz respeito ao dinheiro como significante na estrutura psíquica do sujeito e ao pagamento como elemento saliente do enquadre (Krueger, 1986; Dimen, 2012; Hirsch, 2008; Proctor, 2017; Williams e Harrison, 1999). A psicanálise clássica e suas vertentes contemporâneas oferecem um arcabouço teórico que permite interpretar o dinheiro para além de seu valor material, associando-o a dinâmicas inconscientes, fantasias, interditos e configurações do desejo. Esse enquadramento conduz a uma leitura específica do poder na psicoterapia, que enfatiza a assimetria inerente à relação terapêutica e os efeitos psíquicos da troca financeira no vínculo analítico. A influência da psicanálise está presente tanto em estudos que discutem o dinheiro como tabu na relação terapêutica quanto naqueles que problematizam as formas de resistência, defesa e transferência associadas ao pagamento dos honorários.

Em segundo lugar, observa-se a presença de uma abordagem psicodinâmica mais ampla, que compartilha com a psicanálise a preocupação com processos inconscientes e dinâmicas transferenciais, mas tende a integrar perspectivas intersubjetivas e contextuais. Nessa linha, a ênfase recai sobre os efeitos do dinheiro na configuração do self e nas interações interpessoais, considerando fatores socioculturais e históricos que influenciam a forma como terapeutas e pacientes atribuem significado à questão financeira (Dimen, 1994; Lim e Sng, 2006; Mumford e Weeks, 2003; Newman, 2012). Esse viés amplia a discussão sobre poder na psicoterapia ao reconhecer a existência de múltiplos vetores de influência e negociação no *setting*, para além das determinações estruturais do inconsciente.

Uma terceira linha de afiliação relevante, ainda que menos representativa no *corpus*, é a abordagem humanista-existencial. Os trabalhos alinhados a essa perspectiva enfatizam o dinheiro como parte da realidade concreta da experiência terapêutica e buscam compreendê-lo a partir do encontro entre terapeuta e paciente, destacando a autenticidade, a liberdade e a responsabilidade envolvidas na negociação dos honorários (Furnham, von Sturm e Fenton-O'Creevy, 2015; Agostino, 2019).

Por fim, observa-se uma presença minoritária de abordagens cognitivo-comportamentais e sistêmicas. Quando presentes, essas perspectivas aparecem geralmente de forma instrumental, tratando o dinheiro como uma variável pragmática na organização da terapia ou como fator que influencia a adesão ao tratamento e a percepção de valor (Baron, 2016; Glucksberg, 2013; Wagner e Kay, 2022).

A predominância das perspectivas psicanalítica e psicodinâmica no *corpus* analisado tem implicações diretas sobre o modo como o poder na psicoterapia é discutido na literatura revisada. Em vez de privilegiar exclusivamente fatores institucionais ou pragmáticos, os trabalhos enfatizam as dimensões subjetivas e simbólicas do dinheiro, compreendendo-o como elemento que estrutura a relação terapêutica em níveis que vão além do contrato explícito entre terapeuta e paciente. Esse viés teórico contribui para o aprofundamento da discussão sobre os impactos psíquicos da transação financeira, mas também pode levar a uma relativa desconsideração de fatores concretos e institucionais que moldam a prática clínica contemporânea. Outros desdobramentos dessa predominância serão abordados no item tal.

7.4 Estratégias Metodológicas

A análise das estratégias metodológicas empregadas nos estudos do *corpus* revela uma predominância de abordagens qualitativas, ainda que haja contribuições quantitativas e um volume expressivo de trabalhos teóricos e ensaísticos. Essa distribuição reflete a influência das tradições teóricas predominantes, especialmente

a psicanálise e a psicodinâmica, que favorecem métodos interpretativos na análise do fenômeno do dinheiro na psicoterapia.

7.4.1 Abordagens Qualitativas

A maior parte dos estudos analisados adota abordagens qualitativas, com diversos métodos de coleta e análise:

- **Análise de casos clínicos**: Utilizada sobretudo em estudos psicanalíticos e psicodinâmicos, parte de descrições detalhadas de atendimentos para examinar como o dinheiro se manifesta na transferência, na resistência e na constituição do vínculo terapêutico (Krueger, 1986; Dimen, 2012; Hirsch, 2008).
- **Entrevistas em profundidade**: Empregadas em pesquisas voltadas à compreensão das percepções de terapeutas e pacientes sobre dinheiro na psicoterapia. Costumam utilizar análise temática ou fenomenológica interpretativa (Proctor, 2017; Williams; Harrison, 1999).
- **Análise de discurso e narrativa**: Presente em estudos que investigam como o dinheiro e o poder são construídos simbolicamente no campo da psicoterapia, enfatizando o caráter cultural e linguístico do significante dinheiro (Dimen, 1994; Newman, 2012).
- **Pesquisas etnográficas**: Menos frequentes, utilizam observação participante e diários de campo para examinar como práticas institucionais moldam a relação entre dinheiro e terapia (Mumford; Weeks, 2003).

7.4.2 Abordagens Quantitativas

Apesar de menos numerosas, as abordagens quantitativas também estão presentes e utilizam diferentes metodologias:

- **Pesquisas de levantamento (survey)**: Avaliam percepções de terapeutas e pacientes sobre a influência do dinheiro na psicoterapia, geralmente com

escalas psicométricas sobre honorários, acesso e poder relacional (Furnham; von Sturm; Fenton-O'Creevy, 2015; Agostino, 2019).

- **Análise estatística de dados secundários**: Empregada para investigar relações entre variáveis econômicas e acesso à psicoterapia, com base em bancos de dados institucionais ou de políticas públicas (Baron, 2016; Glucksberg, 2013; Wagner; Kay, 2022).

7.4.3 Trabalhos Teóricos e Ensaísticos

O *corpus* é composto quase integralmente por estudos teóricos e ensaísticos. Tais textos, sem coleta sistemática de dados empíricos, contribuem para o debate por meio de revisões críticas da literatura, articulação conceitual e formulação de hipóteses interpretativas (Dimen, 2012; Krueger, 1986; Newman, 2012). Esse predomínio reflete a orientação das abordagens psicanalíticas e psicodinâmicas, que priorizam a reflexão conceitual sobre a experiência clínica.

7.4.4 Caráter Exploratório

A prevalência de abordagens qualitativas e teórico-ensaísticas reflete a tradição interpretativa das principais correntes presentes no *corpus*, que priorizam a compreensão simbólica e subjetiva do dinheiro na clínica. Por outro lado, a menor incidência de estudos quantitativos pode ser atribuída à dificuldade de operacionalizar variáveis subjetivas e à resistência teórica à quantificação de fenômenos clínicos. Esse panorama metodológico reforça o caráter predominantemente exploratório das pesquisas sobre dinheiro na psicoterapia, evidenciando a centralidade da experiência vivida e da relação terapêutica na construção dos achados.

7.5 Temas Principais

A análise dos artigos que compõem o *corpus* revela uma diversidade de temas relacionados ao dinheiro e ao poder na psicoterapia. A categorização desses temas permite compreender como a literatura tem abordado as implicações financeiras no contexto clínico e quais aspectos têm recebido maior atenção. Com base nas recorrências e enfoques específicos dos estudos analisados, os principais temas foram organizados em seis categorias centrais.

7.5.1 Honorários como Elemento Estruturante do Setting Terapêutico

Os honorários exercem papel fundamental na configuração do setting terapêutico, influenciando expectativas, limites e dinâmicas da relação entre terapeuta e paciente. Esta categoria inclui discussões sobre o pagamento como ritual estruturante da terapia, a definição de valores como ato simbólico e os efeitos da inadimplência na continuidade do tratamento (Williams; Harrison, 1999; Proctor, 2017; Newman, 2012).

7.5.2 Dinheiro como Elemento da Transferência e Contratransferência

Grande parte dos estudos analisa o dinheiro sob a ótica da transferência e contratransferência, considerando as dinâmicas inconscientes que atravessam o pagamento pelos serviços terapêuticos. Incluem-se aqui as fantasias associadas ao dinheiro, sentimentos de gratidão ou ressentimento, e a simbolização do pagamento como expressão de poder, dependência ou reconhecimento (Krueger, 1986; Dimen, 2012; Hirsch, 2008).

7.5.3 Implicações Éticas e Institucionais dos Honorários

Outro conjunto significativo de estudos discute os dilemas éticos e institucionais associados à definição e cobrança de honorários. As reflexões abrangem a negociação de valores, a gratuidade em situações específicas e o equilíbrio entre responsabilidade social e sustentabilidade financeira do terapeuta. Também se examina o impacto de políticas institucionais e regulamentações sobre o acesso ao tratamento (Williams; Harrison, 1999; Proctor, 2017; Baron, 2016).

7.5.4 A Relação entre Dinheiro, Valor e o Significado da Psicoterapia

Diversos estudos abordam a influência da percepção do dinheiro na construção de sentido da psicoterapia. Esta categoria abrange debates sobre a associação entre custo e valor percebido, o impacto da gratuidade sobre o comprometimento com o tratamento e os efeitos de diferentes modelos de remuneração na adesão ao processo terapêutico (Furnham; von Sturm; Fenton-O'Creevy, 2015; Agostino, 2019; Wagner; Kay, 2022).

7.5.5 Aspectos Socioculturais e Econômicos da Relação Terapêutica

Alguns estudos inserem o dinheiro em uma perspectiva mais ampla, considerando fatores socioculturais e econômicos que afetam a relação terapêutica. Entre os temas recorrentes estão as desigualdades econômicas, a diferença entre sistemas públicos e privados de saúde mental e a influência da classe social na construção da aliança terapêutica (Newman, 2012; Mumford; Weeks, 2003; Glucksberg, 2013).

7.5.6 Impacto na Formação e Identidade Profissional do Terapeuta

Por fim, um grupo de estudos investiga os efeitos do dinheiro sobre a identidade profissional do terapeuta. Entre os temas tratados estão a precificação dos serviços, a pressão financeira para manter a prática clínica e a influência das condições econômicas na escolha de abordagens terapêuticas e na ética do cuidado. Também são discutidas as representações do dinheiro na formação de terapeutas (Dimen, 1994; Lim; Sng, 2006; Newman, 2012).

7.5.7 Em síntese

Essa categorização demonstra que, apesar da diversidade de enfoques, os estudos convergem para a compreensão do dinheiro como um elemento estruturante da psicoterapia, com implicações que transcendem o aspecto financeiro e se entrelaçam com a subjetividade, a ética e as dinâmicas institucionais. A preponderância de trabalhos sobre transferência e contratransferência reflete a influência da tradição psicanalítica, enquanto as discussões sobre implicações éticas e institucionais dialogam com abordagens psicodinâmicas e críticas da prática clínica. A presença de estudos sobre aspectos socioculturais e identidade profissional indica um crescente interesse na interseção entre economia, subjetividade e prática terapêutica.

8 DISCUSSÃO

Neste item são examinados o modo como o significante “dinheiro” é tematizado nas publicações, os períodos de maior produtividade, os diferentes modos de articulação entre poder e prática clínica, e as propostas para a formação de psicólogas conscientes dessas dinâmicas.

8.1 “Dinheiro” É, Sim, Discutido na Psicologia

A literatura sobre o tema frequentemente apresenta a ideia de que o dinheiro constitui um tabu na psicoterapia. Trata-se, segundo diversos autores, de um assunto evitado tanto na prática clínica quanto na produção teórica, com alegações de que haveria relativa escassez de publicações dedicadas à sua análise. A seguir, são reunidas passagens representativas dessa perspectiva, extraídas de textos de autoras e autores vinculados à psicanálise contemporânea e clássica, incluindo o próprio Freud:

> [...] Há pouca informação disponível sobre como trabalhar com complexos relacionados ao dinheiro, interpretar o dinheiro como um símbolo, estabelecer compreensões desenvolvimentais sobre comportamentos ou atitudes em relação ao dinheiro, ou fazer associações entre o perfil financeiro de uma pessoa e outras áreas da vida dessa pessoa. Não apenas há uma escassez de teoria e pesquisa para orientar o terapeuta, como também há uma reticência profissional entre terapeutas, refletindo a da população em geral, em falar sobre dinheiro (Lyons, 2013, p.1).
>
> É como se houvesse algo embaraçoso no interesse por dinheiro. Não é um assunto do qual se fala (Jacobs, 2012, p. 1).
>
> Um tabu em relação ao dinheiro dificulta a capacidade de psicoterapeutas e psicanalistas de abordar o significado do dinheiro na vida de seus clientes, assim como nas dinâmicas de transferência e contratransferência. Quando essas questões são abordadas, a exploração geralmente se limita a temas relacionados a política e gestão de honorários (Trachtman, 2008, p. 14).
>
> Quando mencionei pela primeira vez a colegas [... minha intenção de discutir dinheiro, amor e ódio na psicanálise], fui recebida com [surpresa e falta de entusiasmo...]. É quase como se o dinheiro, de fato, não fosse um tema adequado para nossa distinta comunidade. Algo sobre o qual não falamos, pelo menos em público? Talvez um pouco desagradável? Ou vulgar? (Dimen, 1994, p. 69).
>
> Quando, [em 1989], começamos a organizar um simpósio de um dia inteiro [...] examinando vários aspectos psicológicos do dinheiro, planejamos revisar a literatura sobre o tema. Esperávamos encontrar pelo menos dezenas de

> artigos, mas descobrimos [...] que havia pouco trabalho bibliográfico a ser feito. Considerando sua importância, é surpreendente que o dinheiro tenha passado quase despercebido pelos psicanalistas. [...] Houve milhares de artigos psicanalíticos tratando da sexualidade; em contraste, apenas um punhado sobre o dinheiro. Nosso desânimo veio da constatação de que estávamos na posição de pioneiros investigando uma área central do comportamento humano que havia sido pouco abordada pelos autores psicanalíticos (Klebanow; Lowenkopf, 1991, p. vii).
>
> Sixty-five years [after Freud's observation about how money matters and sexual matters are treated with inconsistency, prudishness and hypocrisy] so many can talk of sex yet remain seclusive about money, and nearly all feel considerable anxiety, embarrassment, and conflict over openly dealing with money. No one, including physicians, seems available to counsel on this "last taboo" (DiBella, 1980, p. 510).
>
> Questões de dinheiro são tratadas pelos homens civilizados de modo semelhante ao das coisas sexuais, com a mesma duplicidade, falso pudor e hipocrisia (Freud, 2010/1913, p. 175).

No entanto, ao final desta pesquisa, essa perspectiva parece, no mínimo, imprecisa. Foram incluídos no *corpus* deste estudo, de forma bastante seletiva, 129 artigos que tratam da temática do dinheiro na psicoterapia — um volume expressivo que contradiz a ideia de um tema interditado. Há muitos outros, não incluídos devido aos contornos da pesquisa. A existência dessa produção indica que a questão é, sim, discutida sob diversos ângulos, com ênfase em suas implicações clínicas, éticas e simbólicas. Além disso, muitos desses trabalhos defendem explicitamente a inclusão do tema na formação de profissionais da saúde mental.

Talvez a noção de tabu deva ser relativizada: em comparação com outros temas, é possível que o dinheiro ocupe posição periférica na produção acadêmica no campo da psicoterapia. Contudo, afirmar que se trata de um assunto sistematicamente silenciado parece exagerado. Esse discurso pode refletir uma inércia conceitual: nas origens da psicologia e da psicanálise, pode ter havido maior resistência à discussão dos honorários e de outras implicações financeiras da clínica, assim como ocorreu com a sexualidade. Com o tempo, no entanto, apresenta-se um relaxamento desse silenciamento, embora a ideia de tabu siga sendo reiterada pela maioria dos autores, talvez sem considerar as transformações que a literatura acumulada revela. Nesse sentido, a imagem de um silenciamento absoluto parece hoje mais um clichê do que uma descrição fiel do estado atual do campo.

8.2 Periodização do *Corpus*

Neste item, nosso objetivo é oferecer uma visão organizada e sintética do material analisado. Para isso, estamos propondo uma periodização que busca delimitar ciclos homogêneos em termos do conteúdo abordado. Essa estrutura destaca as mudanças de ênfase temática ao longo do tempo, ajudando a compreender como diferentes focos de interesse ganharam ou perderam prioridade entre os estudiosos da área. Contudo, a periodização é uma construção analítica com limitações: textos individuais frequentemente prolongam discussões anteriores ou antecipam debates de períodos subsequentes; a periodização proposta deve ser vista como um guia heurístico e não como uma estrutura rígida ou definitiva.

Com estas ressalvas, dividimos as publicações em três períodos cronológicos, destacando artigos e capítulos que consideramos fundamentais para a caracterização de cada um deles. Os três períodos abordam, respectiva e cumulativamente: i) o enquadre, os fundamentos simbólicos, e a questão transferencial, na direção do cliente para o terapeuta, de uma perspectiva restrita e predominantemente psicanalítica; ii) transferência e contratransferência em conjunto, como lados de um processo recíproco, numa perspectiva ampliada; e iii) a conexão da questão do dinheiro com normas culturais e contextos sociais abrangentes.

8.2.1 Dos Primórdios até 1974

O período inicial, que vai dos primórdios da psicologia, no final do Século XIX e início do Século XX, até 1974, destaca-se por sua longa duração, sendo o mais extenso entre os definidos neste estudo. Embora cubra um período anterior aos textos incluídos no *corpus*, incluímos este período nesta discussão com o objetivo de apresentar o quadro completo, tal como o entendemos. Ele abrange contribuições fundamentais que estabelecem as bases simbólicas do dinheiro no contexto terapêutico, principalmente psicanalítico freudiano. Neste período, os autores concentram-se no dinheiro como elemento de estabilização do enquadre terapêutico, na forma de ponto de conexão com a realidade; como conteúdo simbólico, revelando

traços de personalidade e conflitos inconscientes*;* e como componente saliente dos processos projetivos do cliente sobre o terapeuta, geralmente centrados nos temas de acumulação e gasto, dependência, autoridade e valor pessoal.

Enquadre

Desde o surgimento da psicanálise, a questão do enquadre terapêutico tem sido foco de reflexão. Freud (2010/1913) discute sua importância como condição essencial para o trabalho analítico, enfatizando a necessidade de regras claras para o sucesso do tratamento (Williams; Harrison, 1999). O enquadre delimita o processo terapêutico, estruturando interações práticas, emocionais e simbólicas (Dimen, 1994; Hoag, 1992). Segundo Hoag (1992), "o enquadre funciona como uma estrutura protetora, ao criar um espaço seguro para o trabalho emocional; e como uma ferramenta de regulação" (p. 210). Essa estrutura oferece estabilidade ao *setting* e permite a emergência de dinâmicas inconscientes (Eissler, 1974); por exemplo, local e horários fixos auxiliam na organização psíquica do paciente, favorecendo a exploração de questões emocionais complexas.

Em "Recordar, repetir e elaborar", Freud (2010/1913) investiga como as resistências transferenciais podem ser influenciadas pelas condições do enquadre. Essas ideias abriram caminho para reflexões posteriores sobre os demais aspectos simbólicos e práticos do enquadre, incluindo questões financeiras (Allen, 1971). Curiosamente, Freud considera que, para o paciente, a questão dos honorários se reveste de significado analítico; enquanto, para o terapeuta, é mera questão prática (Dimen, 1994).

Explorando outro ângulo, Winnicott (1960) conceitualiza o papel do enquadre como viabilizador da criação de um espaço que possibilita a exploração das angústias. Mais recentemente, Allen (1971) analisa os honorários como ferramenta terapêutica que simultaneamente simboliza vínculo e separação, compromisso e resistência, limites e responsabilidades, refletindo dinâmicas inconscientes.

Função Simbólica e Desenvolvimento Psicossexual

Em termos de simbolismo, a psicanálise frequentemente associa o dinheiro à fase anal do desenvolvimento psicossexual. Esta seria caracterizada pela retenção e controle, relacionados a experiências infantis, como a associação de excrementos ao corpo e a objetos; o “prazer anal” e o “medo da castração” estariam ligados à atitude em relação ao dinheiro e à acumulação (Fenichel, 1938; Eissler, 1974). Neste contexto, dinheiro é aproximado de excrementos e pode representar outras fontes de desejos e ansiedades. Essa perspectiva sugere que atitudes em relação ao dinheiro podem refletir conflitos dessa fase; entretanto, há críticas à redução do dinheiro a um marco infantil, pois ela oculta sua riqueza cultural. Como é um significante indeterminado, outros autores de orientação psicanalítica relatam interpretações do dinheiro como leite materno, presente ou privação, controle ou falo. Outras abordagens contemporâneas buscam integrar perspectivas que considerem o dinheiro como fenômeno adulto, com raízes nos processos relacional e social. Wahl (1974) expande essa discussão, tratando o dinheiro como um símbolo de poder e invulnerabilidade, intensificando resistências transferenciais.

Primeiras Tentativas de Expansão da Terapia e Reflexões Emergentes

Embora o período de 1900 a 1974 seja amplamente caracterizado pela psicoterapia como um privilégio da elite, algumas iniciativas começaram a modificar esse cenário, especialmente nas décadas de 1930 e 1940. As primeiras tentativas de expansão da psicoterapia para setores mais amplos surgiram com a criação de clínicas universitárias e serviços públicos de saúde mental. Essas iniciativas permitiram que, ainda que de forma limitada, a psicoterapia alcançasse populações fora da elite econômica (Kaplan et al., 1994; Müller, 2008). Pesquisas demonstram que a partir da segunda metade do século XX, políticas públicas e modelos institucionais passaram a desempenhar um papel fundamental na ampliação do acesso à psicoterapia. Segundo Kaplan et al. (1994), a implementação de serviços clínicos universitários e de políticas governamentais começou a proporcionar rotas alternativas para populações economicamente vulneráveis, permitindo uma ampliação progressiva do acesso ao tratamento psicoterapêutico. Diferentes modelos institucionais foram adotados ao longo do tempo para aumentar o acesso, incluindo

sistemas públicos, clínicas comunitárias e seguros de saúde. Em diversos países, a introdução de coberturas governamentais e serviços clínicos universitários proporcionou atendimento para populações economicamente vulneráveis, permitindo uma ampliação progressiva do tratamento psicoterapêutico. Além disso, políticas públicas e iniciativas de acesso universal foram implementadas para mitigar desigualdades no acesso à psicoterapia (Müller, 2008).

Nos anos 1950-1970, a abordagem centrada na pessoa, proposta por Carl Rogers, foi um marco importante na busca por uma relação terapêutica mais igualitária. Rogers (1951) enfatizou a autonomia do cliente e contestou a hierarquia rígida presente na psicanálise tradicional, promovendo um modelo terapêutico mais acessível e horizontal. Na prática humanista, idealmente ocorre um encontro autêntico de iguais na relação terapêutica, minimizando a posição de perito do terapeuta e enfatizando a empatia, a consideração positiva incondicional e a autenticidade (Rogers, 1951; Nash; Cavenar, 1976).

Além disso, nas décadas de 1960 e 1970, surgem as primeiras reflexões sobre o impacto do dinheiro na adesão ao tratamento. Estudos como o de Balch, Ireland e Lewis (1977) abriram um campo de discussão sobre a relação entre comprometimento e pagamento. Esse debate se intensificaria nos anos seguintes, à medida que a psicoterapia se consolidava como um serviço estruturado dentro do setor privado e das seguradoras de saúde. Halpert (1972) discute como a inclusão da psicoterapia nos seguros de saúde aumentou o acesso ao tratamento, mas trouxe novos desafios, como a interferência administrativa e a necessidade de justificar a continuidade do atendimento para terceiros pagadores.

Embora esse período ainda seja dominado por uma lógica elitista na oferta de psicoterapia, lançou as bases para transformações posteriores, preparando o terreno para o processo de ampliação do acesso que ocorreria a partir de 1975 – marcado por uma crescente mercantilização.

8.2.2 De 1975 até 1999

O segundo período se caracteriza por uma expansão teórica significativa, redefinindo o papel do setting terapêutico como um espaço paradoxal, que simultaneamente estrutura e desafia, conecta e separa (Dimen, 1994). Nesse contexto, as dinâmicas transferenciais e contratransferenciais relacionadas ao dinheiro passam a ser investigadas com maior profundidade, explorando suas implicações nas interações entre terapeuta e paciente. O foco se amplia para abordar relações de poder, resistências e negociações simbólicas associadas aos honorários, assim como as interseções com questões de gênero e a incorporação de análises histórico-econômicas sobre o papel do dinheiro na psicoterapia.

O *Setting*: Paradoxo, Colaboração e Conflito

O conceito de *setting* terapêutico evolui nesse período, passando a ser compreendido como um campo contradições. Os honorários assumem um papel central no enquadre, tanto como elemento estabilizador quanto como fonte de tensão. DiBella (1980) sugere que os honorários simbolizam o investimento do paciente no processo terapêutico, refletindo resistências transferenciais relacionadas ao pagamento. Lasky (1984), por sua vez, destaca que a definição dos honorários funciona como um campo simbólico para conflitos emocionais ligados à autoridade e à resistência. Essa ambivalência é enfatizada por Hoag (1992), que argumenta que "os honorários frequentemente representam um compromisso tangível que ancora a terapia na realidade, enquanto também se tornam um meio de revelar ambivalências sobre autonomia e dependência" (p. 218). Assim, o dinheiro no *setting* terapêutico pode ser visto tanto como um fator de estabilidade quanto como um catalisador de conflitos, mobilizando aspectos inconscientes e resistências.

Transferência e Contratransferência

Neste período, o dinheiro na psicoterapia emerge como um poderoso campo de projeções emocionais. Nash e Cavenar (1976) argumentam que a ausência de pagamento pode intensificar a dependência do paciente em relação ao terapeuta.

Para o paciente, os honorários podem representar reciprocidade e valorização, mas também despertar sentimentos de exploração ou injustiça, especialmente em contextos de vulnerabilidade financeira. Para o terapeuta, os honorários podem simbolizar validação profissional, ao mesmo tempo em que evocam dilemas éticos relacionados à acessibilidade do tratamento.

É neste contexto que Lasky (1984), Dimen (1994) e Hoag (1992) exploram como as dinâmicas financeiras refletem relações de poder no *setting* terapêutico. Segundo Hoag (1992), "a negociação de honorários pode se tornar uma arena onde as dinâmicas transferenciais são mais intensamente experimentadas" (p. 150). Essas observações ressaltam que os honorários funcionam como um elo entre as projeções inconscientes do paciente e as dinâmicas de transferência e contratransferência, afetando tanto o terapeuta quanto o paciente.

Os honorários também podem ser compreendidos como "objetos transicionais" no sentido winnicottiano, mediando tensões entre o interno e o externo, revelando dinâmicas de valor e reciprocidade. Williams e Harrison (1999) sugerem que os honorários não apenas estabilizam o enquadre, mas também fornecem um espaço simbólico para a exploração de relações de poder e resistências transferenciais ligadas ao valor e à reciprocidade.

Eissler (1974) argumenta que as resistências ao pagamento frequentemente refletem conflitos internos relacionados à autonomia e ao controle. Essas dinâmicas oferecem oportunidades valiosas para intervenções terapêuticas que aprofundam a compreensão dos conflitos internos do paciente.

Horizonte Temporal

Além das dinâmicas transferenciais e contratransferenciais, este período trouxe novas abordagens sobre o impacto do dinheiro na terapia a partir de uma perspectiva histórica e social. Dimen (1994, p. 74-76) analisou esta relação sob uma ótica histórico-econômica, destacando como mudanças estruturais na sociedade influenciam a prática clínica e a percepção dos honorários.

Outra questão relevante nesse período foi a emergência de estudos sobre gênero e suas implicações na relação terapêutica. Liss-Levinson (1990) explorou

como normas sociais moldam a experiência de analistas mulheres em relação aos honorários, influenciando tanto a percepção da sua autoridade quanto as dinâmicas transferenciais e contratransferenciais. Essa perspectiva evidencia que o dinheiro na psicoterapia não apenas reflete relações individuais, mas também é atravessado por discursos sociais mais amplos sobre poder e valor.

Warner (1991), por sua vez, sugeriu que uma discussão aberta com o paciente sobre honorários pode promover transparência e fortalecer a confiança terapêutica, permitindo que o dinheiro deixe de ser um fator de tensão oculta e se torne um elemento integrado ao processo clínico. Essa abordagem representa um passo em direção a uma maior conscientização sobre o papel dos honorários na relação terapêutica e na regulação das expectativas entre terapeuta e paciente.

Mercantilização e Regulação da Psicoterapia

A partir do final dos anos 1980, na maioria dos países da América e Europa, a psicoterapia passou a ser cada vez mais integrada ao mercado de serviços de saúde, influenciado por seguradoras e políticas de reembolso. Halpert (1972) discutiu os desafios impostos pela regulação financeira, destacando que a dependência de seguros de saúde pode comprometer a autonomia do processo terapêutico. Chodoff (1986) analisou como o pagamento por terceiros pode limitar a confidencialidade e modificar a relação de poder na terapia. Essas transformações levaram à adaptação da prática clínica, incluindo restrições de tempo de sessão e justificações diagnósticas para continuidade do tratamento.

Além disso, estudos postulam que o modelo de pagamento impacta diretamente o engajamento do paciente. Balch, Ireland e Lewis (1977) postularam que pacientes que pagam diretamente tendem a permanecer mais tempo em tratamento e demonstram maior comprometimento com o processo psicoterapêutico. No entanto, essas formulações marcaram o início de um debate sobre a validade destas proposições e sobre o impacto da mercantilização na qualidade e profundidade da psicoterapia, antecipando discussões que se aprofundariam no período subsequente.

8.2.3 De 2000 até o Presente

O período mais recente reflete uma ampliação significativa do escopo de análise sobre o dinheiro na psicoterapia, incorporando uma perspectiva crítica que enfatiza o impacto de normas culturais, padrões intergeracionais e contextos socioeconômicos. Os estudos dessa fase demonstram como as relações com o dinheiro transcendem as dinâmicas intrapsíquicas, sendo moldadas por fatores estruturais e simbólicos mais amplos.

Uma Perspectiva Crítica: Honorários e o Sistema Capitalista

Sob uma ótica crítica, os honorários podem ser compreendidos como um reflexo das relações capitalistas, em que o terapeuta é posicionado como um vendedor de tempo e serviços. Dimen (1994) analisa esse fenômeno, sugerindo que o dinheiro, ao atuar como denominador comum, pode esvaziar a singularidade da experiência terapêutica. Essa perspectiva revela uma tensão fundamental entre o compromisso ético da terapia, voltado para o bem-estar do paciente, e as dinâmicas mercadológicas que impõem restrições econômicas e estruturais à prática clínica, influenciando a acessibilidade e a autonomia do terapeuta na definição de sua atuação.

Williams e Harrison (1999) retoma a discussão de que os honorários funcionam como mediadores de dinâmicas inconscientes, refletindo conflitos sobre valor, reciprocidade e dependência (p. 272). Essa perspectiva permite aprofundar a compreensão de como as relações econômicas que estruturam a sociedade reverberam no espaço terapêutico, transformando o dinheiro em um elemento que carrega significados inconscientes e relações de poder. Dimen (1994) reforça essa perspectiva ao afirmar que "os pagamentos frequentemente desvelam ambivalências sobre compromisso e autonomia" (p. 75). Dessa forma, o dinheiro se torna um elemento estruturante da relação terapêutica, articulando a dimensão simbólica do valor e os limites da autonomia dentro do enquadre clínico, enquanto também evidencia as tensões entre a lógica mercadológica e os princípios éticos que orientam a prática terapêutica.

Adicionalmente, essa visão crítica levanta questões sobre acessibilidade e desigualdade. Honorários elevados podem restringir o acesso ao tratamento, reforçando barreiras sistêmicas que dificultam o atendimento a indivíduos de menor renda. Williams e Harrison (1999) argumentam que a estrutura de honorários reflete uma dinâmica de mercado que prioriza a viabilidade econômica da prática terapêutica, muitas vezes em detrimento da inclusão social. Balch, Ireland e Lewis (1977) destacam que a forma como os honorários são cobrados pode influenciar o comprometimento terapêutico, postulando que a adesão ao tratamento está ligada à percepção de valor e à acessibilidade do atendimento.

Essa desigualdade é agravada pelas lógicas de mercado, que tendem a priorizar o lucro em detrimento da equidade no acesso à saúde mental. Hoag (1992) observa que, embora o pagamento dos honorários assente a terapia na realidade, ele também pode gerar tensões interpessoais, pois o valor simbólico do dinheiro se entrelaça com questões práticas e éticas (p. 218). Dessa forma, o terapeuta se vê desafiado a equilibrar a adaptação ao sistema econômico vigente com uma consciência crítica sobre seu papel como agente social.

A discussão sobre modelos alternativos de atendimento, como o oferecimento de sessões gratuitas ou escalonadas conforme a renda do paciente, é uma tentativa de mitigar essas desigualdades. Trabalhos como os de Nasch e Cavenar (1976) questionam se a estrutura tradicional de honorários pode ser reformulada para permitir um acesso mais equitativo aos serviços terapêuticos. Essas reflexões exigem não apenas um compromisso ético com a prática terapêutica, mas também um engajamento ativo na construção de sistemas mais inclusivos e socialmente responsáveis.

Interseccionalidade e Impacto Terapêutico

A análise contemporânea do dinheiro na psicoterapia incorpora cada vez mais uma perspectiva interseccional, considerando de que maneira fatores como gênero, classe social e afiliações culturais influenciam a experiência financeira dos pacientes. Dimen (1994) argumenta que "ansiedade financeira reflete inseguranças sociais mais amplas" (p. 223), enquanto Furnham et al. (2014) apontam que homens tendem a

expressar sua relação com o dinheiro por meio do materialismo, enquanto mulheres frequentemente relatam maior ansiedade financeira. Essas diferenças revelam como as construções sociais de gênero influenciam a maneira como o dinheiro é percebido e vivenciado no contexto terapêutico.

Padrões Intergeracionais e Dinâmicas Familiares

A relação com o dinheiro na psicoterapia não pode ser dissociada das dinâmicas familiares e intergeracionais. Bronfman (1987) destaca que a riqueza herdada pode gerar conflitos de identidade e autonomia, refletindo expectativas parentais e lealdades familiares. Esse fenômeno ilustra como a relação com o dinheiro não se resume a uma questão individual, mas é mediada por valores e narrativas familiares transmitidas ao longo das gerações.

Nesse sentido, Mumford e Weeks (2003) introduziram o genograma financeiro como uma ferramenta terapêutica inovadora, permitindo mapear padrões intergeracionais e simbólicos do dinheiro. Essa abordagem possibilita compreender como crenças sobre prosperidade, sacrifício e culpa são herdadas, estruturando expectativas e conflitos financeiros que influenciam o comportamento do paciente em sua relação com o dinheiro. Williams e Harrison (1999) reforçam essa visão ao argumentar que o dinheiro, como símbolo de segurança e controle, estrutura padrões de dependência e autoridade dentro das famílias.

Além disso, Shapiro (2007) analisa como o dinheiro pode atuar como um mecanismo de controle em relacionamentos conjugais, exacerbando desigualdades e moldando as dinâmicas de poder. Essas observações destacam a necessidade de explorar a dimensão relacional do dinheiro, tanto no nível individual quanto no contexto terapêutico, ampliando a compreensão de sua função simbólica e estruturante.

A Era Neoliberal da Psicoterapia e Seus Impactos

A partir dos anos 2000, a psicoterapia se insere cada vez mais em uma lógica neoliberal, marcada pela mercantilização dos serviços de saúde mental e pela

crescente precarização do trabalho dos terapeutas. Conforme discutido por Apostolopoulou (2013), a crise econômica de 2008 acentuou essa dinâmica, ao ampliar a demanda por terapia ao mesmo tempo em que reduzia a capacidade de pagamento dos pacientes.

A ascensão das terapias online e a proliferação de aplicativos de psicoterapia, especialmente após a pandemia de COVID-19, facilitaram o acesso ao tratamento, mas também intensificaram a precarização dos profissionais. Modelos de remuneração instáveis, intermediação de grandes plataformas e fragmentação da relação terapêutica criaram novos desafios para os terapeutas, restringindo sua autonomia profissional. D'Agostino (2019) demonstra que o custo da primeira sessão influencia diretamente a adesão ao tratamento, reforçando a centralidade da variável financeira na manutenção da terapia. Além disso, o crescimento das plataformas que conectam terapeutas e clientes frequentemente impõe condições que reduzem a autonomia dos profissionais, tornando a relação de trabalho mais frágil e instável.

Hoag (1992) aponta que, embora os honorários sejam uma âncora da realidade terapêutica, eles também podem gerar barreiras que restringem o acesso de populações mais vulneráveis. Essa contradição entre acessibilidade e precarização do trabalho terapêutico reflete uma das principais tensões da psicoterapia na contemporaneidade.

8.3 Poder na Psicoterapia: Dimensões, Impactos e Desafios

No contexto psicoterapêutico, as relações de poder assumem frequentemente formas implícitas, mediadas por dinâmicas emocionais, sociais e simbólicas. Este trabalho busca compreender como essas relações, particularmente aquelas organizadas em torno do dinheiro, estruturam o campo da psicoterapia. A partir das concepções de poder discutidas na seção teórica, examinamos neste item como a literatura acadêmica tem abordado as manifestações do poder no *setting* terapêutico e suas implicações para a prática clínica. A análise é apresentada em quatro níveis: fundamentos teóricos, distinção entre assimetrias inevitáveis e evitáveis, efeitos

positivos e negativos das relações de poder, e tomadas de decisão que prejudicam o paciente.

8.3.1 Tipologias do Poder na Psicoterapia

As concepções de poder na psicoterapia podem ser organizadas em três perspectivas analíticas:

- **Poder como posição estrutural:** Derivação institucional e do papel especializado do terapeuta. Estudos como os de Balch, Ireland e Lewis (1977), DiBella (1980, 1986) e Baron (2008) apontam o pagamento e a previsibilidade financeira como elementos estruturantes dessa assimetria.
- **Poder como controle de recursos:** Envolve o acesso a bens materiais e simbólicos, incluindo o saber técnico e a legitimação institucional. Apostolopoulou (2013) e Shapiro (2021) mostram como essas variáveis afetam a percepção do paciente sobre a relação terapêutica.
- **Poder como processo relacional**: Enfatiza a interação dinâmica entre paciente e terapeuta. Baron (2008) e Fors (2018) argumentam que o poder é construído conjuntamente e pode ser redistribuído na medida em que o paciente adquire voz na relação.

Do ponto de vista da tipologia funcional, Fors (2018) também propõe uma tríade explicativa:

- **Poder institucional:** Ligado a regras e condições de acesso (Apostolopoulou, 2013).
- **Poder interpessoal:** Derivado das interações na transferência (Balch et al., 1977).
- **Poder subjetivo:** Percebido pelo paciente em relação à sua autonomia (Baron, 2008).

Já Cromwell e Olson (citado por Proctor, 2017) distinguem:

- **Bases do poder:** Recursos e instituições que sustentam a autoridade do terapeuta.
- **Processos do poder:** Formas de exercício e mediação do poder no encontro terapêutico.
- **Resultados do poder:** Efeitos sobre a autonomia, agência e bem-estar do paciente (Fors, 2018).

Essa diversidade tipológica mostra que, embora o poder tenha sido inicialmente concebido como prerrogativa do terapeuta, ele é hoje cada vez mais compreendido como um fenômeno relacional.

8.3.2 Assimetrias Inevitáveis e Evitáveis

A literatura distingue entre assimetrias inerentes à estrutura clínica e aquelas que resultam de escolhas ou omissões dos profissionais:

Assimetrias inevitáveis:

- **Saber especializado**: A formação técnica diferencia terapeuta e paciente, justificando certa assimetria (DiBella, 1986; Baron, 2008).
- **Responsabilidade ética**: A segurança do enquadre exige previsibilidade e regulação pelo terapeuta (Apostolopoulou, 2013).
- **Exposição assimétrica**: A reserva do terapeuta protege a centralidade da experiência do paciente (Balch et al., 1977).

Assimetrias evitáveis:

- **Linguagem inacessível**: Jargões afastam o paciente; adaptar a linguagem favorece a adesão (Baron, 2008).
- **Falta de transparência**: Esclarecimentos sobre o processo terapêutico ampliam o engajamento (Apostolopoulou, 2013).
- **Controle excessivo do ritmo**: Compartilhar decisões pode fortalecer a agência do paciente (DiBella, 1986).

Essa distinção é fundamental para uma prática clínica que seja, ao mesmo tempo, contida e responsiva.

8.3.3 Efeitos Ambíguos do Poder

O manejo do poder pode ter efeitos terapêuticos positivos ou iatrogênicos. A literatura aponta os seguintes desdobramentos:

Resultados positivos:

- **Promoção da autonomia**: A postura colaborativa estimula a agência (Baron, 2008; Fors, 2018).
- **Ambiente estruturado**: O enquadre firme reduz ansiedade e favorece expressividade (Apostolopoulou, 2013).
- **Modelo relacional positivo**: Relações respeitosas são internalizadas e replicadas (Balch et al., 1977).

Resultados negativos:

- **Dependência e submissão:** Posturas diretivas reduzem a autonomia (DiBella, 1986; D'Agostino, 2019).
- **Resistência e rejeição:** Autoritarismo gera retraimento (Apostolopoulou, 2013).
- **Transferências distorcidas:** Desequilíbrio na assimetria favorece idealizações ou ressentimentos (Baron, 2008; Shapiro, 2021).
- **Desigualdade socioeconômica:** Expectativas e sentidos atribuídos ao tratamento variam conforme o capital financeiro do paciente (Balch et al., 1977).

A eficácia clínica depende do manejo sensível e crítico dessas dinâmicas.

8.3.4 Decisões que Prejudicam o Paciente

Nem todas as decisões tomadas por terapeutas favorecem o paciente. A literatura aponta três fontes principais de efeitos prejudiciais:

(1) Fatores pessoais do terapeuta:

- Contratransferência não elaborada (Shapiro, 2021);
- Busca de validação pessoal (Fors, 2018);
- Dificuldade com limites (Apostolopoulou, 2013);
- Rigidez teórica (D'Agostino, 2019);
- Interesse financeiro em detrimento do paciente (Balch et al., 1977);
- Evitação de desconfortos pessoais (Hirsch, 2008).

(2) Fatores institucionais ou estruturais:

- Pressão por produtividade (DiBella, 1986);
- Limitações de cobertura por planos de saúde (Baron, 2008);
- Ausência de supervisão e formação continuada (Fors, 2018).

(3) Concepções teóricas ou metodológicas questionáveis:

- Diretividade excessiva (Apostolopoulou, 2013);
- Neutralidade extrema (Shapiro, 2021);
- Interpretação em excesso e escuta deficiente (Fors, 2018).

A prática ética exige reflexão crítica e vigilância permanente. Perguntar-se "esta decisão favorece o paciente ou responde a meus interesses?" é essencial para sustentar a integridade clínica e a potência terapêutica.

8.4 Educação e Treinamento

As dinâmicas de poder mediadas pelo significante "dinheiro" na psicoterapia têm implicações profundas para a formação de psicólogas e psicólogos, tanto no nível acadêmico quanto na transição para a prática profissional. A compreensão crítica

dessas relações é essencial para que profissionais em formação desenvolvam sensibilidade ética e técnica diante de situações em que o pagamento de honorários, as expectativas financeiras ou as desigualdades econômicas afetam a relação terapêutica (Apostolopoulou, 2013; Baron, 2008).

Ausência do Dinheiro na Formação Acadêmica. Historicamente, a formação em psicoterapia tem negligenciado a discussão sobre o dinheiro, tratando-o como um aspecto periférico do enquadre clínico ou como um tema meramente técnico. No entanto, como argumenta Trachtman (2008), o dinheiro na terapia não é apenas uma transação financeira, mas um elemento simbólico com potencial para mobilizar resistências, fantasias transferenciais e contratransferências. Ignorar essa dimensão compromete a formação integral dos futuros terapeutas.

Além disso, programas de formação costumam se estruturar em estágios supervisionados gratuitos ou com remuneração simbólica (Allen, 1971). Essa configuração impede que o terapeuta em formação vivencie a negociação de honorários ou a tensão entre valores simbólicos e econômicos. O resultado é um descompasso entre a experiência acadêmica e a realidade do mercado profissional, onde será necessário fixar preços, lidar com inadimplência, ajustar expectativas e enfrentar dilemas éticos relacionados ao acesso e à sustentabilidade.

Desafios na Transição para a Prática Profissional. O ingresso na prática privada é frequentemente acompanhado de insegurança quanto à cobrança de honorários e ao valor atribuído ao próprio trabalho. Baron (2008) aponta que muitos terapeutas iniciantes internalizam um ideal descolado da realidade econômica, segundo o qual a psicoterapia não deveria envolver interesses financeiros. Esse imaginário compromete a definição de limites e contribui para a sensação de desvalorização.

Medos como o de parecer mercenário, perder pacientes ou agir de forma insensível dificultam a adoção de uma postura firme e transparente. Balch, Ireland e Lewis (1977) observaram, por exemplo, que certos pacientes se engajam mais quando arcam diretamente com os custos do tratamento. Esse achado, porém, é

relativizado por estudos que apontam a relevância de fatores como a motivação inicial, o vínculo estabelecido e o contexto sociocultural (Apostolopoulou, 2013; D'Agostino, 2019). Ainda assim, tais discussões colocam em evidência a urgência de preparar terapeutas para lidar com a dimensão financeira da prática.

Propostas Formativas e Modelos Alternativos. A inserção crítica do tema dinheiro na formação psicoterapêutica permite não apenas o desenvolvimento de competências técnicas, mas também a reavaliação de modelos tradicionais de enquadre. Em contextos de crise econômica e desigualdade crescente, torna-se pertinente considerar estratégias como escalas móveis, atendimentos subsidiados ou honorários ajustados. Tais modelos procuram equilibrar acessibilidade e sustentabilidade sem desvalorizar o trabalho clínico (Apostolopoulou, 2013).

Nesse sentido, Cantor (2008) propõe que instituições formadoras – como universidades e institutos de formação psicanalítica – assumam o compromisso de discutir abertamente o lugar do dinheiro na clínica. O silêncio institucional perpetua inseguranças que enfraquecem a construção de uma identidade profissional sólida. Ao contrário, abordagens formativas que incentivam a reflexão crítica promovem maior preparo e autonomia.

Competências a Serem Desenvolvidas. A instrumentalização adequada exige que a formação contemple, além da reflexão ética, o desenvolvimento de habilidades específicas:

- Compreensão dos significados simbólicos do dinheiro e sua função na transferência e contratransferência (Trachtman, 2008; Dimen, 1994);
- Capacidade de negociação transparente e justa de honorários, considerando viabilidade econômica e equidade (Baron, 2008);
- Manejo de resistências ligadas ao pagamento, como culpa, vergonha ou ressentimento (Cairo-Chiarandini, 2001);

- Leitura crítica das barreiras econômicas ao acesso à saúde mental e avaliação de modelos alternativos de atendimento (Apostolopoulou, 2013; D’Agostino, 2019).

Ferramentas como entrevistas estruturadas e o genograma financeiro podem auxiliar na compreensão do universo material e simbólico do paciente, promovendo maior alinhamento entre o enquadre clínico e a realidade vivida. Mais do que aprender a "cobrar pela sessão”, trata-se de formar terapeutas capazes de reconhecer, escutar e intervir eticamente nas múltiplas camadas que o dinheiro mobiliza.

Síntese e Desdobramentos Incluir a temática do dinheiro na educação e no treinamento psicoterapêutico é um imperativo ético e clínico. Preparar profissionais para lidar com as tensões entre valor simbólico e valor econômico é essencial não apenas para a viabilidade da prática, mas também para a promoção de uma psicoterapia mais consciente, acessível e justa. Ignorar esse tema na formação perpetua inseguranças, reforça desigualdades e compromete a qualidade do cuidado psicológico oferecido à população.

9 CONCLUSÃO

Esta seção final apresenta as contribuições do estudo organizadas em torno de três eixos: os achados mais relevantes sobre as relações entre dinheiro e poder na psicoterapia; as lacunas identificadas na produção acadêmica que abrem caminhos para investigações futuras; e as limitações metodológicas do trabalho, com destaque para os critérios de seleção do corpus.

9.1 Principais Contribuições

A presente pesquisa evidencia que o dinheiro, além de sua função econômica, opera como um significante estruturante nas relações terapêuticas, oferecendo um campo relacional em que a dinâmica de poder entre terapeuta e cliente pode se manifestar.

Com base na literatura revisada, esta pesquisa possibilita a formulação das seguintes contribuições conceituais:

1. **Proposta de Periodização**: Propusemos uma periodização em três grandes fases para descrever a evolução do debate sobre dinheiro na psicoterapia, organizando as mudanças de ênfase e abordagem teórica ao longo do tempo:
   - **Até 1974:** Esse período abrange contribuições fundamentais que estabeleceram as bases simbólicas do dinheiro no contexto terapêutico, principalmente na tradição psicanalítica freudiana. Os autores dessa fase concentraram-se em três aspectos principais: o dinheiro como elemento de estabilização do enquadre terapêutico, funcionando como um ponto de conexão com a realidade; como conteúdo simbólico, revelando traços de personalidade e conflitos inconscientes; e como componente saliente dos processos projetivos do cliente sobre o terapeuta, geralmente centrados nos temas de acumulação e gasto, dependência, autoridade e valor pessoal.
   - **1975-1999:** O segundo período se caracteriza por uma expansão teórica significativa, redefinindo o papel do setting terapêutico como um espaço paradoxal, que simultaneamente estrutura e desafia, conecta e separa. As

dinâmicas transferenciais e contratransferenciais relacionadas ao dinheiro passaram a ser investigadas com maior profundidade, explorando suas implicações nas interações entre terapeuta e paciente. O foco se ampliou para abordar relações de poder, resistências e negociações simbólicas associadas aos honorários, assim como as interseções com questões de gênero e a incorporação de análises histórico-econômicas sobre o papel do dinheiro na psicoterapia. Em paralelo, a mercantilização da saúde se intensificou, com os seguros de saúde assumindo um papel central na regulação da prática clínica, impondo tabelamentos de honorários e contratos padronizados.

- **2000-presente:** O período mais recente reflete uma ampliação significativa do escopo de análise sobre o dinheiro na psicoterapia, incorporando uma perspectiva crítica que enfatiza o impacto de normas culturais, padrões intergeracionais e contextos socioeconômicos. A relação com o dinheiro passou a ser compreendida para além das dinâmicas intrapsíquicas, sendo moldada por fatores estruturais e simbólicos mais amplos. Essa abordagem amplia a compreensão do dinheiro como um elemento estruturante da relação terapêutica, articulando dimensões simbólicas e condicionantes econômicas dentro do enquadre clínico.

2. **Articulação entre Dinheiro e Poder**: A revisão permitiu sistematizar como diferentes perspectivas teóricas enquadram a relação entre dinheiro e poder no *setting* terapêutico. Algumas abordagens destacam o dinheiro como um elemento estruturante da hierarquia entre terapeuta e paciente, enfatizando seu papel na consolidação de assimetrias de poder e na formalização do vínculo terapêutico. Outras abordagens o compreendem como um mediador dinâmico da relação clínica, considerando que a forma como os honorários são estabelecidos, discutidos e manejados pode influenciar diretamente a aliança terapêutica, reforçar sentimentos de reconhecimento e reciprocidade, ou até mesmo mobilizar resistências e conflitos inconscientes.
3. **Recomendações Práticas para Terapeutas**: A análise da literatura revisada permitiu a formulação de diretrizes para terapeutas, especialmente para aqueles em início de carreira. A relação com o dinheiro na prática clínica exige uma postura que integre clareza, consciência ética e flexibilidade,

reconhecendo tanto sua dimensão simbólica quanto sua função prática no *setting* terapêutico. A seguir, apresentamos algumas diretrizes que podem auxiliar na gestão desse aspecto da prática clínica:

- **Definição Transparente de Honorários**: O terapeuta deve estabelecer honorários de forma coerente com sua experiência, o mercado local e o perfil da clientela, comunicando essa definição com clareza desde o início do tratamento para evitar ambiguidades e mal-entendidos.
- **Reconhecimento do Impacto Psíquico do Dinheiro**: O dinheiro pode mobilizar sentimentos de poder, culpa, dívida, reconhecimento ou reciprocidade, tornando-se parte do material clínico a ser explorado.
- **Autoconhecimento Financeiro**: Examinar as próprias motivações e crenças em relação ao dinheiro é essencial para evitar que influências pessoais afetem a conduta profissional. Supervisão e análise pessoal são ferramentas indispensáveis para lidar com essas questões e garantir que as decisões clínicas não sejam contaminadas por ansiedades ou conflitos não elaborados.
- **Flexibilidade Ética**: Ajustes nos honorários podem ser necessários para pacientes em dificuldades financeiras, desde que não comprometam o enquadre terapêutico. Decisões desse tipo devem ser avaliadas com critério, evitando racionalizações simplistas que possam justificar escolhas motivadas por conveniências pessoais sob o pretexto de benefícios técnicos.
- **Equilíbrio entre Sustentabilidade e Responsabilidade Ética**: O terapeuta deve buscar um modelo de prática profissional que seja economicamente viável e, ao mesmo tempo, sensível às necessidades terapêuticas dos pacientes, garantindo um equilíbrio entre o compromisso ético e a realidade financeira da clínica.

9.2 Oportunidades de Pesquisa Futura

1. **Ampliação da Bola de Neve**: A inclusão de mais ciclos de expansão bibliográfica e, principalmente, de uma abordagem prospectiva para a

ampliação do *corpus*, poderia ajudar a localizar outros textos relevantes para a revisão teórica do tema estudado e que não foram capturados neste primeiro esforço de pesquisa.

2. **Análise com Foco nas Contribuições Inovadoras à Literatura**: A grande maioria dos artigos e livros analisados nesta pesquisa reproduz extensivamente análise anteriores, sem fazer avançar de maneira significativa a discussão. A nosso ver, no geral há maior empenho em reafirmar a tradição do que em fazer progressos conceituais; um estudo que identificasse, destacasse a autoria e explicitasse as principais inovações teóricas seria interessante para uma maior clareza sobre como o diálogo entre autores evoluiu para além da mera reverberação.
3. **Revisão Metodológica Crítica**: A abordagem predominante na literatura analisada baseia-se majoritariamente em reflexões ensaísticas, que recorrem a interpretações teóricas, sem necessariamente apresentar dados ou evidências que corroborem suas proposições. Esse predomínio de textos especulativos, embora contribua para a consolidação do debate conceitual, também limita a verificação da robustez das teses propostas. Uma análise sistemática e crítica para avaliar a validade e aplicabilidade dessas construções teóricas seria interessante para identificar o uso excessivo de conjecturas não fundamentadas.
4. **Estudo Bibliométrico de Redes**: Identificar, através do mapeamento de quais autores citam quais outros, poderia delinear cliques e grupos temáticos e permitiria uma representação global das tendências teóricas e abordagens metodológicas dominantes. Para isto, em vez de utilizar um indicador de relevância externa, no nosso caso o número de citações registradas pelo Google Scholar, poder-se-ia utilizar as métricas tradicionais de análise de redes, produzindo uma compreensão de relevância em bases localizadas nas próprias redes.
5. **Investigação sobre Tópicos que Chamaram Nossa Atenção**: Anotamos para investigações futura três temas que despertaram nosso interesse: a forma como os terapeutas definiram e utilizaram o conceito de "bom cliente" e de "cliente analisável"; o processo de definição de escalas deslizantes e critérios de gratuidade; e como recomendações teoricamente embasadas de condutas

terapêutica relacionadas a honorários curiosamente parecem ser, se não sempre, predominantemente favoráveis às finanças dos terapeutas.

9.3 Limitações da Pesquisa

Como toda pesquisa, esta também tem limitações inerentes ao delineamento de seus objetivos e de seu escopo. Destacamos:

1. **Escopo Limitado da Revisão Bibliográfica**: A bola de neve foi aplicada apenas em um ciclo, o que pode ter deixado escapar artigos importantes, principalmente entre os mais recentes, que não podem ser identificados na abordagem retrospectiva.
2. **Leitura Inicial dos Textos do *Corpus*.** O *corpus* desta pesquisa é formado por 129 textos, entre artigos e livros. Ao longo do tempo disponível, foi realizada uma leitura extensiva com todo o material e uma leitura mais aprofundada e minuciosa dos textos considerados mais relevantes e mais recentes. Ao término do tempo disponível para a realização do projeto, desejaríamos reler todo o material, agora já com uma visão de conjunto sobre os apertos a observar aprofundadamente, o que não foi possível.

9.4 Considerações Finais

Este estudo demonstrou que o dinheiro, enquanto significante, desempenha um papel essencial na configuração das relações de poder na psicoterapia. A proposta de periodização apresentada contribui para a compreensão histórica e conceitual da evolução desse tema na literatura acadêmica. O levantamento de oportunidades de pesquisa futura sugere caminhos para aprofundamento da discussão, enquanto a identificação de limitações ressalta a necessidade de esforços complementares para fortalecer o conhecimento sobre o impacto do dinheiro na clínica psicológica.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Arnold. The Fee as a Therapeutic Tool. The Psychoanalytic Quarterly, v. 40, n. 1, p. 132–140, 10 jan. 1971.

ALTMAN, Neil. Money in Psychoanalysis: The Socioeconomic Context. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 69–71, 2008.

APOSTOLOPOULOU, Angelika. The impact of the economic crisis on the private practice of counselling and psychotherapy: How much are clients and therapists "worth"? **European Journal of Psychotherapy and Counselling**, v. 15, n. 4, p. 311–329, dez. 2013.

ARON, L.; HIRSCH, I. Money matters in psychoanalysis: A relational approach. *In*: SKOLNICK, N.; WARSHAW, S. (Orgs.). **Relational Perspectives in Psychoanalysis**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. Hirsch, Irwin. Coasting in the Countertransference: Conflicts of Self Interest between Analyst and Patient (Psychoanalysis in a New Key Book Series) (p. 201). Taylor & Francis. Edição do Kindle., 1992. p. 239–256.

BALCH, Philip; IRELAND, John F.; LEWIS, Susan B. Fees and Therapy: Relation of Source of Payment to Course of Therapy at a Community Mental Health Center Journal of Consulting and Clinical Psychology. *[S.l.: S.n.]*.

BARON, Sivan. The Price of Candidacy: Fee and the Regulation of Anxiety. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 36–46, 2008.

BATESON, Gregory. **Mind and nature: a necessary unity**. New York: E.P. Dutton, 1979.

BERGER, Brenda. Tight money and couples: How it can help even as it hurts. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 59–73.

BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie. **Money Talks: in therapy, society and life**. New York: Routledge, 2012a.

BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie. Preface to Money Talks. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society and life.** New York: Routledge, 2012b.

BETH, Mary; CRESCI, M. Fantasy and Reality: Making Psychoanalytic Training Affordable. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 9–14, 2008.

BLUM, Harold. To be guilty or entitled? That is the question: Reflections on Dr. Lieberman's Contribution. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 55–58.

BRENNER, Grant H. **Money Talk in the Therapy Room**. **MedCentral**https://www.medcentral.com/biz-policy/talking-money-finances-clients-therapy-patients. Disponível em: <https://www.medcentral.com/ biz-policy/talking-money-finances-clients-therapy-patients>. Acesso em: 23 nov. 2024

BRONFMAN, J. **The Experience of Inherited Wealth: A Social-Psychological Perspective**. Ph. D. Dissertation—Ann Arbor: University of Michigan, 1987.

BURNSIDE, Mary A. Fee Practices of Male and Female Therapists. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 48–54.

CAIRO-CHIARANDINI, Irene. To Have and Have Not: Clinical Uses of Envy. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 49, n. 4, p. 1391–1404, 1 ago. 2001.

CANTOR, Jennifer. The Life We Choose. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 72–76, 2008.

CARLISLE, Ann E. Purchasing a Practice: A Personal Account. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 218–223.

CHANDLER, Daniel. **Semiotics: The Basics; Fourth edition**. 4. ed. London: Routledge, 2022.

CHODOFF, Paul. The Effect of Third-Party Payment on the Practice of Psychotherapy. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 111–120.

CHODOFF, Paul. Effects of the New Economic Climate on Psychotherapeutic Practice. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 253–263.

CUZZI, Lawrence. Money Management in the Borderline Patient. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 197–205.

D'AGOSTINO, Sabrina Raquel. Adjusting Clinical Fee Scales: First Session Intake Fees Moderating Couple's Total Number of Sessions Attended in Couple's Therapy. Master's Thesis—*[S.l.]*: Auburn University, 2019.

DIBELLA, G. Angelo W. Mastering Money Issues that Complicate Treatment: The Last Taboo. **American Journal of Psychotherapy**, v. 34, n. 4, p. 510–522, out. 1980.

DIMEN, Muriel. Money, Love, and Hate: Contradiction and Paradox in Psychoanalysis. **Psychoanalytic Dialogues**, v. 4, n. 1, p. 69–100, 1 jan. 1994.

DRELLICH, Marvin G. Money and Countertransference. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 155–162.

DYLLER, Ilene M. Beyond the Analytic Fee: Money and Psychoanalytic Training. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 77–80, 2008.

ELLMAN, Steven J. The Calling of Psychoanalysis: Can It Exist in a Materialistic Society? **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 49–54, 2008.

FENICHEL, Otto. The Drive to Amass Wealth. **The Psychoanalytic Quarterly**, v. 7, n. 1, p. 69–95, jan. 1938.

FERRARI, Lillian. Language and Money in Psychoanalysis: A Lacanian Perspective. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 81–83, 2008.

FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

FORS, Malin. A Grammar of Power in Psychotherapy: Exploring the Dynamics of Privilege. Washington: American Psychological Association, 2018.

FORS, Malin. Power Dynamics in the Clinical Situation: A Confluence of Perspectives. **Contemporary Psychoanalysis**, v. 57, n. 2, p. 242–269, 2021.

FRANK, David. On Money in Psychoanalytic Training. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 84–89, 2008.

FREUD, Sigmund. Sobre o Início do Tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise). *In*: Freud (1911-1913): Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos. (Pub. Orig. 1913) ed. São Paulo: Cia das Letras, 2010. v. 10.

FRIEDMAN, Richard C. Psychotherapy Without Fee. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 207–221.

FROSCH, Allan. Patients as Part Objects. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 90–92, 2008.

FUQUA, Paula B. Classical Psychoanalytic Views of Money. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 17–23.

FURNHAM, Adrian; VON STUMM, Sophie; FENTON-O’CREEVY, Mark. Sex Differences in Money Pathology in the General Population. **Social Indicators Research**, v. 123, n. 3, p. 701–711, 22 set. 2015.

GANS, J. S. Money and psychodynamic group psychotherapy. International Journal of Group Psychotherapy, 1992.

GEISTWHITE, R. Inadequacy and indebtedness: no-fee psychotherapy in county training programs. **The Journal of psychotherapy practice and research**, v. 9, n. 3, p. 142–8, 2000.

GIANNOULAKI, Chrysi. A Greek Visitor at the Money Panel. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 93–94, 2008.

GINSBURG, Lawrence M.; GINSBURG, Sybil A. A Psychoanalytic View of Personal Bankruptcy. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 70–76.

GLICK, Robert Altman. The rich are different: Issues of wealth in analytic treatments. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 21–33.

GOLDBERG, C. Influence and moral agency in psychotherapy. **International Journal of Psychotherapy**, v. 6, n. 2, p. 107–114, 2001.

GOLDENSOHN, Sidney S. Transference, Countertransference and Other Therapeutic Issues in a Health Maintenance Organization (HMO). *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 158–167.

GOULD, Robert E. Men, Money and Masculinity. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 61–66.

GRECH, Dan. Dollars and Sense: Cognitive biases and personal investing. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 185–192.

GREENBERG, Jason D. Money - It's Personal. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 95–96, 2008.

GUILFOYLE, Michael. Concealing and revealing power in the therapeutic relationship. Utrecht: Utrecht University, 2006.

GUREVITZ, Howard. Preferred Provider Organization and Psychiatric Treatment. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 244–252.

GUTHEIL, Thomas G. Fees in Beginning Private Practice. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 175–188.

HALL, Jane S. Riffs on Remuneration. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 97–100, 2008.

HALLOWELL, Edward M.; GRACE, William J. Money Styles. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 15–26.

HALPERT, Eugene. The Meanings and Effects of Insurance in Psychotherapy and Psychoanalysis. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 169–174.

HERRON, William G.; WELT, Sheila Rouslin. **Money Matters: The Fee in Psychotherapy and Psychoanalysis**. New York: The Guilford Press, 1992.

HERSCHENFELD, Philip. Fees in Training Analysis. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 55–59, 2008.

HERSH, Richard G. Money Questions and the Structural Interview. **Psychodynamic Psychiatry**, v. 48, n. 4, p. 407–421, 2020.

HERZIG, Abby; LAVON, Sharon. Introduction from the Editors. **The Candidate**, v. 3-Money, p. 6–7, 2008a.

HERZIG, Abby; LAVON, Sharon. Money: Unmentionable Transferences-Countertransferences in Psychoanalytic Training. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 47–48, 2008b.

HERZIG, Abby; LAVON, Sharon. The Candidate: Perspectives from an Evolving Psychoanalytic Community - Money. *[S.l.: S.n.]*. v. 3

HIRSCH, Irwin. Coasting in countertransference: Conflicts of self interest between analyst and patient. *In*: New York: Routledge, 2008.

HIRSCH, Irwin. It was a great month: None of my patients left. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 13–20.

HOAG, Linda. Psychotherapy in the General Practice Surgery: Considerations of the Frame. **British Journal of Psychotherapy**, v. 8, n. 4, p. 417–429, 5 jun. 1992.

HOFFMAN, L. A Reflexive stance form family therapy. *In*: MCNAMEE, S.; GERGEN, K. J. (Orgs.). **Therapy as social construction**. London: Sage, 1992.

HOFLING, Chales K.; ROSENBAUM, Milton. The Extension of Credit to Patients in Psychoanalysis and Psychotherapy. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazzel, 1986. v. The Last Taboo p. 202–217.

HOKEMEYER, Paul L. Treating Wealthy Patients and Their Families: A Guide for Competent Psychotherapeutic Care. **The Journal of Wealth Management**, v. 15, n. 1, p. 9–11, 30 abr. 2012.

HORNER, Althea J. Money Issues and Analytic Neutrality. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 175–181.

JACOBS, Daniel H. On Negotiating Fees with Psychotherapy and Psychoanalytic Patients. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 121–131.

JACOBS, Theodore. Money: Some reflections on its impact on psychoanalytic education and psychoanalytic practice. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 1–11.

JACOBSON, Leonard I. Material Incentives in Childhood and Adolescence. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 27–40.

JOSEPHS, Lawrence. Seduced by affluence: How material envy strains the analytic relationship. **Contemporary Psychoanalysis**, v. 40, n. 3, p. 389–408, 1 jul. 2004.

KALB, Margery. Post-Panel Discussion: Report and Reflections. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 64–68, 2008.

KATZ, Wendy Wiener. Fee and Fantasy in Psychoanalytic Training. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 60–63, 2008.

KIRSNER, Douglas. “DO AS I SAY, NOT AS I DO”: Ralph Greenson, Anna Freud, and Superrich Patients. **Psychoanalytic Psychology**, v. 24, n. 3, p. 475–486, jul. 2007.

KITZINGER, Celia; PERKINS, Rachel. **Changing our minds: Lesbian feminism and psychology**. New York: NYU Press, 1993.

KLEBANOW, Sheila. How much is enough? *In*: KLEBANOW, Sheila; LOWENKOPF, Eugene (Orgs.). **Money and mind**. Boston, MA: Springer US, 1991a. p. 3–14.

KLEBANOW, Sheila. Power, Gender and Money. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991b. p. 51–59.

KLEBANOW, Sheila; LOWENKOPF, Eugene. **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991.

KLEEFELD, Carla. **The Psychopathology of Affluence**. Ph D Thesis—Santa Barbara: Pacifica Graduate Institute, 2000.

KONIGSBERG, Eric. Age of riches: Challenges of $600-a-session patients. **New York Times**, 7 jul. 2008.

KRUEGER, David W. The Last Taboo: Money as symbol and reality in psychotherapy and psychoanalysis. New York: Brunner/Mazel, 1986a.

KRUEGER, David W. Money, Success, and Success Phobia. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986b. p. 3–16.

KRUEGER, David W. A Self-Psychological View of Money. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986c. p. 24–32.

LANGAN, Robert. Do Re Mi. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 101–103, 2008.

LASKY, Ella. Psychoanalyst's and Psychotherapists' Conflicts About Setting Fees. **Psychoanalytic Psychology**, v. 4, p. 289–300, 1984.

LASKY, Ella. Psychotherapists' Ambivalence About Fees. **Women & Therapy**, v. 22, n. 3, p. 5–13, 2 fev. 2000.

LEITER, Naomi. Money and Divorce. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 77–84.

LERNER, Joyce A. Money, Ethics and the Psychoanalyst. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 223–234.

LIEBERMAN, Janice. Analyzing a "new superego": Greed and envy in the age of affluence. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012.

LIM, Vivien K. G.; SNG, Qing Si. Does parental job insecurity matter? Money anxiety, money motives, and work motivation. **Journal of Applied Psychology**, v. 91, n. 5, p. 1078–1087, 2006.

LISS-LEVINSON, Nechama. Money matters and the woman analyst: In a different voice. **Psychoanalytic Psychology**, v. 7, n. Suppl, p. 119–130, 1990.

LOWENKOPF, Eugene L. Poverty and Psychopathology. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991a. p. 41–49.

LOWENKOPF, Eugene L. Gambling. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991b. p. 85–97.

LOWENKOPF, Eugene L. Money in the Older Years. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991c. p. 109–118.

MCGRATH, John J. Long-Term Psychotherapy and Psychoanalysis in a Changing Health Care Economy. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 253–256.

MCRAE, John F. The influence of fee assessment on premature therapy termination. **Administration in Mental Health**, v. 7, n. 4, p. 282–291, 1980.

MCRAE, John F. The Influence of Fee Assessment on Premature Therapy Termination. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 132–141.

MEERSAND, Pamela. Working with children, adolescents, and young adults: The meaning of money in the therapeutic situation. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 129–142.

MEYERS, B. S. Attitudes of psychiatric residents toward payment of psychotherapy fees. **American Journal of Psychiatry**, v. 133, n. 12, p. 1460–1462, 1 dez. 1976.

MOTHERWELL, Lise. Women, Money, and Psychodynamic Group Psychotherapy. **International Journal of Group Psychotherapy**, v. 52, n. 1, 2002.

MULLER, Knuth. Paradise Now? Psychoanalytic Training within the Boundaries of German Guideline Psychotherapy - A Candidate's Perspective. **The Candidate**, v. 3-Money, n. 1, p. 27–35, 2008.

MUMFORD, David J.; WEEKS, Gerald R. The Money Genogram. **Journal of Family Psychotherapy**, v. 14, n. 3, p. 33–44, 2003.

MYERS, Kachina. Show me the money: (The "problem" of) the therapist's desire, subjectivity, and relationship to the fee. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 143–163.

NASH, J. L.; CAVENAR, J. O. Free psychotherapy: an inquiry into resistance. **American Journal of Psychiatry**, v. 133, n. 9, p. 1066–1069, 1 set. 1976.

NEWMAN, Stephanie. Follow the money: Training and fees, fantasy and reality. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 75–85.

OLSSON, Peter. Complexities in Psychology and Psychotherapy of the Phenomenally Wealthy. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 55–69.

ORGEL, Shelley. Money and Meaning: A senior psychoanalyst comments on Drs Berger and Newman. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 87–97.

PASTERNACK, Stefan A. Psychotherapy Fees and Therapist Training. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 142–157.

PROCTOR, Gillian. The Dynamics of Power in Counselling and Psychotherapy: Ethics, politics and practice. 2nd (Kindle) ed. Monmouth: PCCS Boks, 2017.

RANEY, James. The Effect of Fees on the Course and Outcome of Psychotherapy and Psychoanalysis. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 88–101.

REIDER, Arthur E. The Clinical Management of the Nonpaying Patient. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 189–201.

RENDON, Mario. Money and the Left in Psychoanalysis. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 135–147.

ROGERS, Carl R. **Client Centered Therapy**. London: Constable & Robinson, 1951.

ROTHSTEIN, Arnold. The Seduction of Money. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 149–153.

SCHNEIDER, Lawrence J.; EDWARD, C. Watkins. Perceptions of therapists as a function of professional fees and treatment modalities. **Journal of Clinical Psychology**, v. 46, n. 6, p. 923–927, nov. 1990.

SCHONBAR, Rosalea A. The Fee as Focus of Transference and Countertransference in Treatment. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 33–47.

SHAINESS, Natalie. Countertransference Problems with Money. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 163–173.

SHANOK, Arielle Farber. Money and Gender: Financial facts and fantasies for female and male therapists. *In*: BERGER, Brenda; NEWMAN, Stephanie (Orgs.). **Money Talks: In therapy, society, and life**. New York: Routledge, 2012. p. 165–183.

SHAPIRO, Margaret. Money: A Therapeutic Tool for Couples Therapy. **Family Process**, v. 46, n. 3, p. 279–291, out. 2007.

SHIELDS, John D. Hostage of the fee: Meanings of money, countertransference, and the beginning therapist. **Psychoanalytic Psychotherapy**, v. 10, n. 3, p. 233–250, 18 jan. 1996.

SILVERMAN, Seth W. Cost Effectiveness of Psychotherapy. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 236–243.

SUSSMAN, Marianne L. In the Matter of Setting the Value of Psychological Damages. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 99–108.

TONKS, Lindsay J. How does the exchange of money impact the therapeutic relationship in private practice? Counsellors' perspectives: A small-scale qualitative study. Master's Thesis—Chester: University of Chester, 2013.

TRACHTMAN, Richard. Beyond the Fee: Addressing Non-Fee Issues in Psychotherapy and Psychoanalysis. **The Candidate**, v. 3, n. 1, p. 14–26, 2008.

TULIPAN, Alan B. Fee Policy as an Extension of the Therapist's Style and Orientation. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 79–87.

TURKEL, Ann Ruth. Money as a Mirror of Marriage. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 67–76.

VOISS, Daniel. Money: The Medium and the Message. *In*: KRUEGER, David W. (Org.). **The Last Taboo**. New York: Brunner/Mazel, 1986. p. 224–235.

WARNER, Silas L. Psychoanalytic Understanding and Treatment of the Very Rich. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991a. p. 183–195.

WARNER, Silas L. Sigmund Freud and Money. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991b. p. 121–133.

WEISSBERG, Josef. The Fiscal Blindspot in Therapy. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 245–251.

WHITE, Michael.; EPSTON, David. **Narrative means to therapeutic ends**. New York: W.W. Norton & Company, 1990.

WILLIAMS, Shelley; HARRISON, Karen. Physiotherapeutic interactions: A review of the power dynamic. **Physical Therapy Reviews**, v. 4, n. 1, p. 37–50, set. 1999.

WINARICK, Kenneth. Thoughts on greed and envy. **American Journal of Psychoanalysis**, v. 70, n. 4, p. 317–327, dez. 2010.

WINNICOTT, Donald. W. The theory of the parent-infant relationship. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 41, p. 585–595, 1960.

WOHLIN, Claes. Guidelines for snowballing in systematic literature studies and a replication in software engineering. *In*: Association for Computing Machinery, 2014.

YAGER, Joel; KAY, Jerald. Money Matters in Psychiatric Assessment, Case Formulation, Treatment Planning, and Ongoing Psychotherapy. **Journal of Nervous & Mental Disease**, v. 210, n. 11, p. 811–817, nov. 2022.

ZAPHIROPOULOS, Miltiades L. Fee and Empathy: Logic and Logistics in Psychoanalysis. *In*: **Money and Mind**. Boston, MA: Springer US, 1991. p. 235–243.

ZUR, Ofer. Re-thinking the “power differential” myth and exploring the moral, ethical, professional, and clinical issues of power in therapy. Disponível em: <https://drzur.com/power-in-therapy/>.